



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA
DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE AGRONEGÓCIOS**

Tainara Morais Alves de Holanda

**UMA ANÁLISE DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NA VIDA DAS MULHERES
ARTESÃS DO DISTRITO FEDERAL**

BRASÍLIA
Outubro/2019

TAINARA MORAIS ALVES DE HOLANDA

**UMA ANÁLISE DAS MUNDANÇAS OCORRIDAS NA VIDA DAS MULHERES
ARTESÃS DO DISTRIO FEDERAL**

Monografia apresentada ao curso de Gestão de Agronegócios, da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Gestão de Agronegócios.

Orientadora: Profa. Dra. **Maísa Santos Joaquim**

BRASÍLIA/DF

2019

UMA ANÁLISE DAS MUNDANÇAS OCORRIDAS NA VIDA DAS MULHERES ARTESÃS DO DISTRITO FEDERAL

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso da aluna Tainara M. A. de Holanda.

Profa. Dra. Máisa Santos Joaquim
Universidade de Brasília / FAV /UnB
(Orientadora)

Prof. Dr. Álvaro Nogueira de Souza
Engenharia Florestal/FT/UNB
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Jaim José da Silva Júnior
Universidade de Brasília/FAV/UnB
(Examinador Interno)

Brasília/DF
2019

AGRADECIMENTOS

O caminho não foi fácil, porém foi frutífero, tempo de aprendizado e resistência. Agradeço, primeiramente, a Deus, por me acompanhar em todas as etapas da minha vida, me fortalecendo nos momentos de dificuldade e de alegria.

Em segundo, agradeço a dona Maria Holanda, minha avó, minha mãe, minha amiga e maior apoiadora. Em todos os momentos estando comigo, cuidando de mim e me ensinando a ser uma pessoa melhor.

E gostaria de oferecer este trabalho aos meus familiares e amigos, em especial aos meus padrinhos, Rosemeire e Francisco, e ao grande professor que a vida me deu, Carlos Maia, que me ensinou a encerrar ciclos e persistiu em acreditar no meu potencial.

A professora Máisa Santos Joaquim, pela orientação, pela paciência, pelo cuidado e pela força. Admiro-te muito professora.

Um agradecimento especial à instituição Universidade de Brasília, pela qual, sou uma eterna apaixonada, e reconhecedora do aprendizado não apenas acadêmico, mas como pessoal vivido nesta Universidade.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a transformação ocorrida na vida das mulheres do Distrito Federal que produzem artesanato. Neste estudo foram levantadas informações do histórico do artesanato no Brasil, apontando aspectos como sua origem, bem como aspectos relacionados a entidade pública que o regulamenta. Além disso, se deu ênfase no Distrito Federal, reconhecendo as características e a ligação do artesanato com as mulheres e as mudanças que a atividade geraram em suas vidas. As informações foram coletadas de forma qualitativa, na forma de uma pesquisa exploratória. Foi realizado um questionário semiestruturado, aplicado pelo Google Forms, que obteve 85 respostas válidas das artesãs. As artesãs falaram sobre a importância que o artesanato tem na vida delas, a forma que aprenderam a produzir e a importância financeira. Após a coleta de dados, a metodologia aplicada foi uma análise de conteúdo, com a finalidade de se obter uma análise mais correlata das respostas obtidas. Concluiu-se que o artesanato tem uma importância significativa na vida das mulheres do Distrito Federal que transcende a questão financeira, englobando a inserção social e saúde dessas mulheres.

Palavras-chave: Artesanato, mulheres artesãs, Distrito Federal

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

Figura 1 Quantidade de Mulheres que Possuem a Carteira de Artesão.	32
Quadro 1 Categorias de pensamentos imediatos das mulheres artesã.	34
Quadro 2 Surgimento do artesanato na vida das mulheres do DF.	36
Figura 2 Principal motivo para trabalhar com o artesanato.	39
Figura 3 Você possui outra profissão ou ocupação.	41
Figura 4 Participa de feiras de comercialização	42
Figura 5 Importância econômica do seu trabalho com o artesanato.	43
Quadro 3 Finalidade de produção.	44
Quadro 4 Mudança na vida através do artesanato.	47
Figura 6 Trabalho doméstico.	49
Quadro 5 Inserção na vida social .	50
Figura 7 A importância do seu trabalho com o artesanato como um empoderamento feminino.	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Justificativa.	10
1.2. Objetivo Geral	10
2. REFERENCIALTEÓRICO	11
2.1. Artesanato	11
2.2. Artesanato no Brasil	13
2.3. Programa do Artesanato Brasileiro	16
2.4. Distrito Federal e Artesanato	19
2.5. Mulher e Artesanato	21
2.6. Pesquisas Exploratórias e Análise de Conteúdo	24
3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	27
3.1. Elaboração e aplicação do questionário	28
3.2. Análise de dados	29
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
4.1. Análise dos Dados Biográficos	31
4.2. Análise da importância do trabalho artesanal	32
5. CONCLUSÃO	56
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APÊNDICE	63

1. INTRODUÇÃO

O artesanato demanda de um cuidado e atenção na formação do seu significado com o decorrer do tempo. Durante milênios o trabalho artesanal foi a única forma que se tinha para fazer objetos necessários para a sobrevivência humana. Observando toda produção artesanal já produzida nesses períodos percebe-se que sua evolução acompanha o tempo da própria humanidade (KELLER,2011, p. 189).

A ideia contida na definição de artesanato que, é o modo de fazer as coisas com as mãos ou as mãos que executam o trabalho, se transforma com a Revolução Industrial, na Europa no final do século XVIII. Nesse processo de industrialização acontece à introdução da máquina no processo produtivo e o artesanato que era o modo de produção característico de todas as sociedades ao longo da história se torna obsoleto. (FERREIRA,2005, p. 8). Na produção artesanal o uso de ferramentas ou máquinas, é apenas para auxiliar, não sendo predominante no produto final. (LIMA, 2003, p. 1)

Karl Marx (1975) faz referência a esta definição, considerando o artesão como um indivíduo que executa toda uma série de operações diferentes. No mesmo sentido, com a evolução da sociedade que aumentou a sua demanda de consumo e dos avanços que a revolução industrial trouxe, a produção artesanal se torna precária e menos atrativa, sendo substituído pela produção em larga escala de produtos industrializados, minimizando custos na comercialização. Atraindo o consumo rápido de produtos feitos em séries, iguais e sem vida. Conseqüentemente as oficinas artesanais se tornaram escassas, tornando a existência nos dias de hoje uma verdadeira resistência cultural (KELLER, 2014, p.3).

Do sul ao nordeste encontramos características distintas de influência na produção artesanal, variando de acordo com a região, pois, tem influência das populações que as colonizaram. Existe uma diversidade de contextos sociocultural para cada produtor artesanal encontrado neste país. Assim sendo, existe esta mesma diferenciação do consumidor final para cada região.

O artesanato além de ter uma importância histórica e cultural, possui um viés de geração de renda, para os artesãos tanto da área rural, quanto da área urbana.

No Brasil se enfrenta uma crise financeira desde 2014, com uma forte recessão econômica que gerou 12,7 milhões de desempregados. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve um crescimento do trabalho informal neste ano, e, o artesanato foi uma alternativa utilizada por muitos brasileiros para driblar a crise e o desemprego.

De acordo com o Ministério do Turismo, o Brasil, em 2018 possuía 10 milhões de artesãos e movimentou no mercado R\$ 50 bilhões por ano, esse valor cresceu significativamente comparado com o mensurado em 2005, que era algo em torno de R\$ 28 bilhões (FERREIRA, 2005, p. 12). Se conhecendo a realidade econômica do artesanato e sabendo que a produção artesanal é de fácil manuseio, que não demanda um investimento alto para se iniciar e consegue inserir a população e em específico a mulher em atividade produtiva. Ou seja, gerando renda, se tem uma ótima vertente para enfrentar momento de crise financeira. (SEBRAE, 2010, p. 8).

Sabe-se que o fomento do artesanato para os artesãos do Distrito Federal tem um grande potencial, de acordo com o Governo do Distrito Federal (2018), apenas com os eventos realizados pelo GDF no ano de 2018, foi movimentado o montante de R\$ 1.352.000,00. Ou seja, existe um público que consome esse produto produzido e fomenta a economia local.

Como 83% dos artesãos do Distrito Federal são do sexo feminino (GDF, 2018) e associado ao contexto da mulher no mundo hoje que é de protagonismo e apropriação das suas atividades, este estudo tem por objetivo verificar quais mudanças ocorrem, por meio do trabalho artesanal, na vida das mulheres do Distrito federal. Sendo relevante para conhecer a importância do artesanato na vida dessas mulheres, qual a forma de transformação que ocorre a partir do artesanato? O que levou as mulheres a trabalharem com o artesanato? Qual a parcela de participação do trabalho artesanal na vida dessas mulheres? Existe a mudança em qual área principalmente? Qual a finalidade para que elas trabalhem com artesanato?

1.1. Justificativa.

A vontade de se explorar esse tema vem da análise que fiz trabalhando diretamente nos últimos quatro anos como Assessora de Comercialização e Mercado da Unidade de Gestão do Artesanato, minha trajetória profissional no Governo do Distrito Federal, observando e trabalhando na prática com as artesãs, fomentou a vontade de discorrer sobre o tema, observando a real importância que existe do artesanato em vários setores, envolvendo a economia, o contexto social, a saúde e que muitas vezes é banalizado e desconhecido.

E os poucos trabalhos acadêmicos que existem sobre o tema, fazendo um estudo sobre a importância que o artesanato tem.

Sendo assim, se fez uma análise das mudanças ocorridas na vida das mulheres artesãs do Distrito Federal.

1.2. Objetivo Geral

Analisar o perfil e o que mudou na vida das mulheres que trabalham com artesanato no Distrito Federal.

2. REFERENCIALTEÓRICO

2.1. Artesanato

Segundo Rios (1980), o artesanato surgiu quando se percebeu a necessidade de produzir bens de utilidade e de uso rotineiro e até mesmo adornos, expressando a capacidade criativa humana como forma de trabalho através da produção de objetos manuais.

No período neolítico o ser humano passa a criar artefatos que garantem sua sobrevivência, o bem-estar individual e coletivo. Por isto, neste período e no período paleolítico a produção já era diferenciada entre produtos funcionais, que deram origem ao que se conhece hoje por artesanato, e produtos de caráter contemplativo. (MARINHO, 2007, p. 3). Passando pelo período da idade média, o artesanato ainda era a principal forma de se produzir.

No final do século XVIII é introduzida a lógica do capital, com a revolução industrial, a produção artesanal é deixada de lado. Introduzindo a máquina como principal meio de produção, tornando ágil a forma de se criar produtos em escala, com processos repetitivos e com empregados que deixam de deter todo conhecimento e passam a executar apenas uma tarefa, dentro do tradicional modelo de produção fordista (SOUZA, 2015).

Para Sennett (2008), não foi à introdução da máquina e as mudanças tecnológicas que alteraram as formas como os artesãos trabalhavam, e sim, a perda da propriedade sobre os meios de produção e a redução da autonomia profissional. Esses artesãos que antes detinham o conhecimento do saber fazer, passam a trabalhar em indústrias, engrossar a massa assalariada.

Complementando, Kubrusly e Imbriosi (2011), os artesãos criavam e participavam de todo processo, enquanto o operário contratado pelas fábricas da época da revolução industrial apenas sabiam operar as máquinas e reproduzir uma única tarefa.

Lima (2003), afirma que o trabalho manual deve ser o instrumento que é utilizado para a confecção do objeto, o principal, se não, o único. A utilização de

máquinas quando acontece, é para apenas auxiliar a produção, sem ser predominante no objeto acabado.

Para Miranda *et al.*(2012), o artesanato quando é produzido em série perde sua característica principal, feito primordialmente a mão e individualmente. Não conseguindo suprir a demanda *Just time* do mercado, demorando mais tempo para sua fabricação. O seu tempo de criação é determinado pelo artesão.

Para os autores a característica fundamental do trabalho artesanal é o “fazer” com as mãos do artesão. Que o uso de ferramentas pode ser usado apenas para orientar, mas não para substituir o uso das mãos na elaboração do produto.

Para produzir artesanalmente a produção pode ser natural, semielaborada ou com restos industriais. O processo de produção deve ser feito por uma pessoa que pode utilizar ou não ferramentas que ajudem na finalização do produto final (BARROSO; FROTA, 2010).

O Conselho Mundial do Artesanato, criado em 1964, com o intuito de promover a união da classe de artesãos e também o desenvolvimento econômico através da produção artesanal, define o artesanato como uma atividade produtiva que resulta em objetos e artefatos acabados, feitos ou manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, usando a habilidade de cada artesão, destreza e criatividade (SEBRAE, 2004)

Aos resilientes que permaneceram no ofício de artesão, Fleury (2002) define que possuem o “dom” ou “espírito da arte”, sendo algo divino essa característica de saber produzir e criar, algo intrínseco que acompanha a pessoa desde seu início, sendo que o artesão pode ter aprendido sozinho a produzir, imitando alguém, ou passado em ambiente familiar de geração para geração.

Complementando, para Dias (2007), a tradição familiar tem um peso nessa formação de novos artesãos. É uma arte que é repassada dos mais antigos para os mais novos, dando continuidade à categoria, mantendo os vínculos afetivos.

Ainda segundo a autora, os avós e pais vão ensinando aos mais novos, diversas técnicas artesanais, como, tecer, tear, esculpir, bordar, entre outros. E a

produção artesanal ao longo do processo histórico vem produzindo artesanatos de diferentes maneiras e expressões culturais.

Para Lima (2005), o artesanato não é somente uma mercadoria, carrega com si valores, crenças e cultura. Possui um valor agregado diferente dos demais produtos que existem no mercado, esse valor deve ser aumentado pela importância cultural de onde é produzido, a história e crenças. Sendo outra diferenciação do produto artesanal para o produto industrial, levando o preço do produto artesanal, geralmente custar mais.

A integração dessas influências vem se desenvolvendo desde a colonização em constante transformação até os dias de hoje (GOMES, 2016). Que nos últimos tempos além do seu valor cultural passou a ter um valor econômico, aumentando a inclusão social e gerando renda. De acordo com o mesmo autor, o artesanato atua como um fator importante no desenvolvimento rural, como impulso para reduzir a migração rural, diminuição taxa de desemprego, sendo um forte aliado na geração de renda.

2.2. Artesanato no Brasil

Para Barros (2006), a história do Brasil rica em cultura e miscigenação reflete na história do artesanato no País. Uma herança que ao passar das décadas se somaram com os demais artesanatos trazidos por imigrantes de diversas culturas. Tendo como fonte de herança o artesanato indígena, que traz consigo diversas técnicas que são utilizadas até hoje, fortemente em determinadas regiões como em Tocantins, Mato grosso e Bahia. A utilização do barro, fibras naturais que servem para diversificados trabalhos, madeira e palha. Junto com a colonização portuguesa veio também outras formas de se fazer artesanato voltado já para a questão religiosa e o negro quando chega ao país no período da escravidão traz consigo ainda mais ensinamentos. Enriquecendo a cultura brasileira.

Cada região do Brasil tem suas características e formas de manifestar a arte de produzir com as mãos. Produtos inovadores, singelos e enraizados na cultura de determinadas áreas. Sugando para sua produção o valor histórico da tradição e dos hábitos locais da população (DINIZ; DINIZ, 2007).

Um exemplo dessa regionalização é a cidade de Divina Pastora- Sergipe, próximo de Aracaju, a pequena cidade é conhecida por ser um pólo de produção de renda irlandesa no país. É uma tradição de raízes européias que nessa região se tornou referência. Passada de geração em geração a técnica de produção é uma importante fonte de trabalho. O modo que as rendeiras de Divina Pastora trabalham se tornou patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (SEBRAE, 2016).

O artesanato possui distintos produtos finais oriundos da forma de produção artesanal, é uma variedade enorme de matéria prima, técnicas de produção e produto final. Cada região do país tem sua especificidade para produção, matéria prima utilizada e produto final. Um exemplo é o Nordeste, como foi citado acima, reconhecido mundialmente pela renda irlandesa (MARQUES, 2015).

Nos dados do IBGE (2015), o maior produtor de artesanato hoje no país é a região Sudeste, mais especificamente Minas Gerais e posteriormente, a região Nordeste, sendo a Bahia o maior destaque da região.

A produção das peças artesanais é feita com o aproveitamento de matérias-primas disponíveis em cada região. Sendo cada produto um relato da história local. Quando se compra uma renda filé, em Alagoas ou algum objeto feito em pedra sabão, original de Ouro Preto/MG, ou alguma peça em capim dourado, que é o símbolo da produção artesanal de Tocantins, está se comprando não apenas um produto desses está se levando um pouco da história de cada região (BRASIL, PORTAL, 2013).

No Brasil existem centros de artesanato em mais de 140 municípios do Brasil, que já receberam investimentos no Ministério do Turismo, seja para reforma do centro ou a construção de um novo. E esse setor da economia possui mais de 10 milhões de artesãos trabalhando e movimentando mais de R\$ 50 bilhões de reais por ano (BRASIL, PORTAL, 2013).

Para D'Ávilla (1984) o artesanato é uma forma de gerar renda e emprego de forma rápida, que não necessita de altos investimentos para se dar início a produção, sendo acessível à população que deseja começar a produzir.

O autor ainda reforça a importância que existe na produção artesanal no desenvolvimento pessoal do artesão, fomentando valores, a criatividade, autonomia e beleza. Indo contra os produtos oriundos da produção industrial, que gera uma mecanização, padronização, automação e perda de qualidade. Valorizando o produto artesanal e seu valor agregado a cada peça. E além de ter essa importância cultural o artesanato é um fomentador de empregos e geração de renda.

O crescimento do artesanato no setor econômico ocorre por diversos motivos, e Canclini (2008) em seu livro fala quais são os motivos que levam a população em escala mundial a estarem buscando este setor. Para ele, a justificativa para essa migração para a busca pela atividade artesanal é a deficiência encontrada na exploração agrária e desvalorização dos produtos rurais, faz com que os produtores procurem outras formas de venda.

Ainda segundo o autor, o desemprego é outro fator para se começar a trabalhar com o artesanato, tanto, pessoas da área urbana, quanto da área rural.

O artesanato fortalecido pelas instituições que gerem políticas públicas e de fomento é um grande aliado para enfrentar crises econômicas. Diminuindo o desemprego e aumentando a renda no Brasil. Existem duas instituições que são altamente engajadas em valorizar a Ofício de Artesão: O Sebrae e o Programa do artesanato Brasileiro (PAB). Ambos possuem uma história de trabalho com o artesanato de fortalecimento como um grande aliado a economia.

O Serviço de Apoio às Micro e pequenas empresas (SEBRAE), desenvolve desde 1997 um trabalho voltado para o fomento do artesanato no país. Com programas conhecidos nacionalmente de capacitação, feiras de comercialização conhecidas nacionalmente e premiação dos artesãos reconhecidos nacionalmente (SEBRAE, 2016).

O SEBRAE, com intuito de identificar o perfil do artesão brasileiro, realizou em 2013 o uma pesquisa com 1.301 artesãos aplicando um questionário elaborado pela própria instituição, que apresenta um panorama dos artesãos no Brasil e traz alguns dados interessantes, como a idade média dos artesãos no Brasil.

De acordo com a pesquisa realizada pelo SEBRAE 41% dos artesãos possuem entre 50 e 64 anos. E 77% dos entrevistados são do sexo feminino. E 60% dos entrevistados utilizam o artesanato como principal fonte de renda.

2.3. Programa do Artesanato Brasileiro

O Programa do Artesanato Brasileiro é responsável por elaborar políticas públicas em nível nacional para regularização e fomento do artesanato no Brasil (LIMEIRA, A.C.S, 2015). Coordenado pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, a Portaria nº. 1.107/2018 institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a comissão nacional do artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro.

O PAB foi criado por meio do decreto Nº 1.508/95, que instituiu a sua criação e sua finalidade, o próprio texto do documento traz sua função no art. 1º:

Art. 1º O programa do Artesanato Brasileiro, instituído com a finalidade de coordenar e desenvolver atividades que visem valorizar o artesão brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, bem assim desenvolver e promover o artesanato e a empresa artesanal, passa a subordinar-se ao Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. (BRASIL, 1995,)

Com o intuito de formular políticas e diretrizes para o artesanato, ações de qualificação para o artesão e ajudar na articulação para promover e incentivar a exportação do produto artesanal Brasileiro (BRASIL, 2013). O programa é válido para todo território nacional, composto por uma coordenação regional e 27 coordenações estaduais que são feitas por meio de acordo de cooperação técnica, entre os Estados e a coordenação nacional.

O programa reconhece a profissão de artesão. Que é regulamentada pela portaria. Fomentando, apoiando e fortalecendo a cadeia produtiva do artesanato. Encontrando locais de comercialização para escoar a produção artesanal, como o fomento de participação em feiras artesanais em âmbito nacional e internacional,

estabelecendo parcerias com órgãos e entidades públicas e privadas para atingir o objetivo (BRASIL, 2018).

Para o programa, a definição de artesão é:

Art. 8º Artesão é toda pessoa física que, de forma individual ou coletiva, faz uso de uma ou mais técnicas no exercício de um ofício predominantemente manual, por meio do domínio integral de processos e técnicas, transformando matéria-prima em produto acabado que expresse identidades culturais brasileiras.

§ 1º Entende-se por domínio integral de processos e técnicas, a capacidade de realização do processo produtivo completo concernente à criação do produto artesanal (BRASIL, 2018).

Pela portaria nº 1.107/2018, para ser reconhecido como artesão através do PAB, é necessário que se encaixe na definição citada, se tenha a carteira nacional de artesão, que de acordo com a tipologia e técnica utilizada é permitido expedir a carteira no Estado do artesão.

O texto da portaria traz consigo a base conceitual que é aceita, dando uma orientação para os responsáveis por emitir a carteira do que é ou não artesanato. Técnicas e tipologias que estão de acordo a produção aceita. Cada Estado é responsável por fazer o controle de cadastramento e recadastramento dos artesãos (BRASIL, 2018).

De acordo com o PAB, a Carteira Nacional tem a validade de 6 anos. Essas informações são mantidas no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), sendo a base de dados que define quem terá acesso as políticas públicas do programa.

Em 2018, cadastrados no SICAB, existiam 143.390 artesãos, e 80% desse quantitativo é do sexo feminino (SICAB, 2018). Ou seja, trabalhadores (em sua maioria, mulheres) reconhecidos pelo ofício de artesão, que tem direito às prerrogativas, de isenção do ICMS na emissão de notas fiscais avulsas, acesso a financiamento com juros reduzidos, contribuição para o INSS com valor diferenciado do autônomo e cadastro para as feiras que são fomentadas pelo PAB ou pelas coordenações regionais (LIMEIRA, A. C. S., 2015).

GDF (2018) disponibilizou a evolução de cadastramentos entre o ano de 2011 para 2018, e ocorreu uma evolução muito expressiva, comparado com o que existia de pessoas cadastradas no SICAB. Em 2011 eram cadastrados 33.946 artesãos no

território brasileiro e em dezembro de 2018 esse número é de 143.390. Ou seja, o número de artesãos no Brasil hoje quadruplicou comparado com o ano de 2011.

O Decreto que atualiza todas as diretrizes do Programa do Artesanato Brasileiro (2018) carrega em seu texto conceitos que nos fazem entender o que é artesanato, suas formas de organização, as influências e origens que são aceitas hoje e as tipologias e técnicas que são consideradas trabalho artesanal, ou seja, o trabalho realizado pelo artesão do início ao fim, feito pela sua mão.

Uma definição importante que o decreto tem, e que nos faz entender o peso cultural que existe no artesanato, são as origens que são aceitas hoje no nosso artesanato, são elas:

Art. 20. A produção artesanal classifica-se, conforme a origem, nas seguintes categorias:

I- Artesanato Tradicional: a produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais, cuja importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração;

II- Arte Popular: caracteriza-se pelo trabalho individual do artista popular, artesão autodidata, reconhecido pelo valor histórico e/ou artístico e/ou cultural, trabalhado em harmonia com um tema, uma realidade e uma matéria, expressando aspectos identitários da comunidade ou do imaginário do artista;

III- Artesanato Indígena: é resultado do trabalho produzido por membros de etnias indígenas, no qual se identifica o valor de uso, a relação social e cultural da comunidade, sendo os produtos, em sua maioria, incorporados ao cotidiano da vida tribal e resultantes de trabalhos coletivos, de acordo com a divisão do trabalho indígena. O Selo Indígenas do Brasil, instituído pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (Portaria Interministerial nº 2, de 3 de dezembro de 2014) para valorizar e identificar a origem.

Indígena dos produtos, é sinal distintivo aplicável ao produto artesanal indígena;

IV - Artesanato Quilombola: é resultado do trabalho produzido coletivamente por membros remanescentes dos quilombos, de acordo com a divisão do trabalho quilombola, no qual se identifica o valor de uso, a relação social e cultural da comunidade, sendo os produtos, em sua maioria, incorporados ao cotidiano da vida comunitária. O Selo Quilombola, instituído pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Portaria nº 22, de 14 de abril de 2010) para certificar a origem de produtos feitos por integrantes de comunidades quilombolas, é sinal distintivo aplicável ao produto artesanal quilombola;

V- Artesanato de Referência Cultural: produção artesanal decorrente do resgate ou da releitura de elementos culturais tradicionais nacionais ou estrangeiros assimilados, podendo se dar por meio da utilização da iconografia (símbolos e imagens) e/ou pelo emprego de técnicas tradicionais que podem ser somadas à inovação; dinamiza a produção, sem descaracterizar as referências tradicionais locais;

VI- Artesanato Contemporâneo-Conceitual: produção artesanal,

predominantemente urbana, resultante da inovação de materiais e processos e da incorporação de elementos criativos, em diferentes formas de expressão, resgatando técnicas tradicionais, utilizando, geralmente, matéria-prima manufaturada reciclada e reaproveitada, com identidade cultural (BRASIL, 2018)

Para Lima (2005), essas origens culturais que fazem de o artesanato ser um produto que expressa à identidade cultural de cada região. E esse valor agregado do produto, faz dele o seu diferencial.

2.4. Distrito Federal e Artesanato

Entende-se como Distrito Federal-DF a junção das 31 cidades satélites que formam todo perímetro da capital, entre elas está Brasília, que seria considerado apenas Asa sul e Asa Norte, conhecido também como Plano Piloto, as demais Regiões Administrativas passam despercebidas, muitas vezes funcionando como cidade dormitório, já que grande parte do fluxo de economia e produção da capital acontece no seu setor Central, considerando-se Brasília toda extensão das regiões administrativas. (GARCIA, 2014)

Brasília, Capital do Brasil, fica localizada no Centro-Oeste, foi à cidade construída durante o governo de Juscelino Kubitschek entre 1956 a 1960. O projeto urbanístico de Lucio costa e arquitetura de Oscar Niemeyer. Brasília foi a cidade planejada, construída para abrigar todo poder político do Brasil (ARRUDA, 2008).

A cidade planejada que foi crescendo e se desenvolvendo, teve como primeiras regiões administrativas, Taguatinga, Gama e Núcleo Bandeirante (SANTARÉM, 2013). De acordo com o IBGE, 2017, o Distrito Federal, possui 2,97 milhões de habitantes e 31 regiões administrativas, entre elas o Plano Piloto. Considerando oficialmente Brasília, toda a extensão do Distrito federal desde 2015. O Distrito Federal já é a quarta cidade mais populosa do país, tendo a maioria de seus moradores do sexo feminino (52%) e com a idade média de 30 anos (GDF, 2017).

De acordo com a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios PDAD 44,8% dos moradores do DF são de outros Estados. Sendo Minas Gerais, Bahia e Goiás os

principais locais de onde os moradores vieram. Isso mostra uma diversidade cultural que existe na Capital. (GDF, 2017).

Pelo processo migratório que ocorreu no Distrito Federal, o artesanato é uma mistura de culturas presentes na capital, os imigrantes somando as características urbanas e ambientais do DF, formam a identidade da cidade (SEBRAE, 2010).

No Distrito Federal é a Secretaria de Turismo, ligado ao Governo do Distrito Federal, que é responsável por gerir o Artesanato na região, através da Unidade de Gestão do Artesanato (UGA), que realiza o cadastramento dos artesãos, emissão de carteira de artesão, recadastramento de artesãos, abertura de espaços para comercializações em feiras, shoppings e espaços no DF e em âmbito nacional e capacitação de artesãos em cursos de aperfeiçoamento de produção (GDF, 2018).

De acordo com os dados do relatório final de atividade de 2018, da Unidade de Gestão do Artesanato, emitido pela – UGA/GDF, o Distrito Federal possui 14 mil artesãos e 10.516 artesãos cadastrados e com carteira de artesão, ou seja, que demonstram domínio do processo produtivo artesanal sendo que 83% são mulheres 3% são pessoas com deficiência, 50% são casados, 96% vivem na zona urbana, 90% não participam de entidades ou núcleos produtivos. Há 72 estrangeiros, 38 indígenas, 15 apenados e 20 quilombolas cadastrados. (GDF, 2018).

As principais técnicas utilizadas pelos artesãos no DF são: bordado, costura, crochê, *decoupage* ou revestimento, modelagem, montagem, pintura, renda, tecelagem e trançado, tricô para a produção de bolsas e pastas, bonecos, caixas, colares, colchas, objetos de decoração para casa, pano de prato, tapetes e passadeiras, vestuário, toalhas, forros e caminhos de mesa, dentre outros (GDF, 2017).

De acordo com a Unidade de Gestão do Artesanato, no Distrito Federal, são poucos os artesãos que declaram que participam de eventos de comercialização para escoar sua produção. Sendo apenas 15% dos cadastrados no SICAB que participam. Essas informações são emitidas do Sistema de Informação Cadastrais do Artesanato Brasileiro e disponibilizadas no relatório anual da Unidade de Gestão do Artesanato para acesso de todos os interessados. Por outro lado, os principais

locais de venda e comercialização de artesanato no DF, são a Feira da torre de TV, conhecida por abrigar os artesãos e possuir um rico trabalho, a cathedral de Brasília e as feiras e eventos particulares (GDF, 2018).

A UGA realiza com intuito de fomentar a comercialização do artesanato, a abertura de alguns locais de comercialização para o artesão em espaços públicos e em parcerias com eventos privados. Em 2018 a Unidade de Gestão do Artesanato disponibilizou 169 eventos para participação dos artesãos interessados em expor seus trabalhos (GDF, 2018).

Um exemplo desses eventos é a Rota do Artesanato, uma feira apenas de produtos artesanais, organizada pela Unidade de Gestão do Artesanato, onde são ocupados alguns espaços do centro de Brasília durante alguns dias do mês e os artesãos possuem autorização para expor seus trabalhos, sem ter custo algum. O principal local de venda é o Setor comercial sul, quando o evento acontece lá, durante 3 dias do mês, tem a participação de 23 artesãos. Durante o ano de 2018 foi comercializado R\$ 217.597,00. Apenas nesse ponto de comercialização (GDF, 2018).

O fomento realizado pela Unidade de Gestão do Artesanato gerou no ano de 2018 o montante de R\$1.352.000,00. O impacto que isso resulta na economia do Distrito federal e na vida desses artesãos é significativa e merece devida atenção (GDF,2018).

2.5. Mulher e Artesanato

De acordo com Perrot (2007), existem dois momentos que marcaram a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que foi a Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial. Esse processo aconteceu tardiamente, antes disso a participação das mulheres era apenas nos ambientes domésticos e suas atividades econômicas estavam ligadas ao seu trabalho do lar(SILVA, 2011, p.250).

Figueiredo *et al.* (2015) diz que, embora as mulheres tenham entrado no mercado de trabalho ainda na primeira revolução, é notório que até os dias de hoje elas não participam maciçamente da produção de bens valorizados.

Saffioti (1976), quando em 1872 informa que o Brasil realizou seu primeiro censo, e que a maior parte dos seus trabalhadores eram mulheres, e grande parte empregadas na indústria têxtil, que no momento era a mais importante do país. E que em 1900 a 1940, os censos revelam que a participação da mulher no mercado de trabalho teve uma queda muito significativa, tirando a mulher do mercado e relacionando a desqualificação intelectual feminina.

Para Silva (2011), os trabalhos realizados pela mulher muitas vezes não eram reconhecidos pela sociedade como um ofício e não estavam dentro da estatística oficial de trabalho, pois, eram realizados em espaços que não geravam mais-valia, não sendo executados em ambientes públicos e descartados pelo capitalismo, porém, elas nunca deixaram de trabalhar.

Para Hirata (2002) e Kergoat (2003), é notória esta diferença das atividades exercidas pela mulher e pelo homem, e essa diferença de gênero é marcado por uma construção social, não por uma questão biológica.

A autora Kergoat (2003), diz que, essa forma de divisão social do trabalho que ocorre tem dois princípios organizadores, primeiro o da separação, pois existem trabalhos que são de homens e trabalhos que são de mulheres e depois o da hierarquização, que para essa divisão social, o trabalho do homem teria mais valor que um trabalho da mulher.

Soihet (2006) confirma essa divisão de coisa de mulher e de homem, quando fala que desde o século XIX, as mulheres se dedicam aos trabalhos ligados a atividade doméstica ou que envolvam o trabalho artesanal. Em 1970, 50% da população brasileira era composta por artesãs, de todos os tipos, bordadeiras, tricoteiras, crocheteiras, algumas ocupações autônomas e empregada doméstica (SAFFIOTI, 1982). E, acompanhando a linha do tempo, em 2000, grande parte das mulheres ainda trabalhavam com atividades domésticas remuneradas (PEREIRA DE MELO, 2004).

De acordo com Garcia (2015), é com esta divisão social que sempre existiu na sociedade, que liga o trabalho artesanal a mulher. Não sendo um trabalho que é desenvolvido em espaços públicos (a mulher poderia produzir dentro de casa) e desvalorizado pela lógica do capital.

Ainda segundo a autora supracitada, o artesanato passa por um período de exclusão, primeiro porque o artesanato não se adequou à produção industrial em massa, por ser um trabalho manual e segundo, por ser um trabalho que foi relegado quase que exclusivamente as mulheres, como forma delas continuarem dentro de casa.

Para Figueiredo *et al.* (2015) a relação entre a mulher e o trabalho artesanal está ligado ao baixo grau de exigibilidade tecnológica da atividade, que a mulher sempre foi associada aos trabalhos domésticos e assim ao artesanal naturalmente, e que existe uma ideologia que a mulher tem mais habilidade para desempenhar essas atividades.

Para muitas mulheres o fator impeditivo de se dedicar ao artesanato é a dupla jornada de trabalho, muitas são donas de casa, tem que realizar as tarefas domésticas, cuidar dos seus filhos e conseguir conciliar com a produção (BARROSO *et al.*, 2013).

Para Saffioti (1976) a formação da identidade da mulher trabalhadora foi uma construção histórica elaborada por toda a conjuntura econômica passada, por todo esse machismo em ser oprimida em certos tipos de trabalho.

Era normal dentro das igrejas o incentivo ao ensino de artesanato, pois, se tinha a ideia de um ofício feminino, ou dentro das escolas formais, que na grade curricular tinha o ensino de artesanato. Ou seja, ter o domínio dos trabalhos manuais era algo inerente da mulher (SILVA, 2011, p.253).

As autoras Barroso *et al.*(2013) analisaram a importância do artesanato para a vida das mulheres, que no meio de tanta desvalorização que ocorre do seu trabalho, tanto o trabalho doméstico quanto feito em outra esfera, que leva as mulheres a não acreditarem no seu potencial. Porém, o trabalho artesanal mostra

para elas que são capazes e essa valorização influencia diretamente no reconhecimento de cada uma.

Ainda segundo as autoras supracitadas, o ofício de artesãs gera sentimentos positivos e de satisfação, aumento a habilidade das mulheres, sua inserção em ambientes públicos, seu reconhecimento por terceiros. Existindo a importância dessas artesãs estarem sempre em espaços públicos comercializados suas peças. Sendo vistas e valorizadas, que essa inserção social, tem um valor incalculável.

Figueiredo *et al.* (2015), afirmam que a exposição da mulher em ambientes públicos através de ações de empreendedorismo e o artesanato torna a mulher uma empreendedora, provoca uma instabilidade no sistema patriarcal, onde as características passadas não queriam que elas se tornassem protagonistas, e que são frequentes as tentativas dos homens em impedir que as carreiras dessas mulheres se desenvolvam, dificultados no que podem, para que elas não se desenvolvam e não almejem sucesso.

Hirata (2002) reconhece que o artesanato é coisa de mulher, por ser historicamente predominantemente atribuído as mulheres. A grande parte dos artesãos hoje do Distrito Federal são do sexo feminino, chegando a ser algo em torno de 83% dos cadastrados no SICAB (GDF,2018)

2.6.Pesquisas Exploratórias e Análise de Conteúdo

O conhecimento científico é a forma mais comum para alcançar novos saberes no meio acadêmico. Marthis e Theópilo (2009) defendem que a pesquisa exploratória, é quando o pesquisador vai a campo, buscar os dados requeridos, por meio das pesquisas aplicadas.

Para Malhotra (1993), os estudos exploratórios são utilizados com grande frequência com dados qualitativos, e a finalidade é promover a compreensão inicial do conjunto do problema de pesquisa.

Para Sampieri *et al.* (1991) pesquisas exploratórias são utilizadas,

normalmente, quando o objetivo da pesquisa é examinar um tema pouco explorado ou que não tenha sido estudado antes. Os estudos exploratórios são frequentemente usados para gerar hipóteses e identificar variáveis que devem ser incluídas na pesquisa.

Segundo Santos (2012), a análise de conteúdo tem por objetivo apresentar uma apreciação crítica de análises de conteúdo como forma de tratamento em pesquisas, sejam elas qualitativas ou quantitativas.

Bardin (2004) traz o contexto histórico da técnica, que primeiramente foi aplicada nos Estados Unidos. Em 1915, utilizava a técnica principalmente para analisar material jornalístico. Com intuito de utilizar a análise de conteúdo para fazer a análise de comunicação.

Segundo a mesma autora, tanto um sociólogo que deseja determinar a influência cultural das comunicações de massa na sociedade, ou um psicólogo que gostaria de analisar as entrevistas que realiza com certo grupo, ou um publicitário que deseja buscar a melhor campanha para seu produto. Todos esses casos podem utilizar como instrumento, a análise de conteúdo. Pois dentro deste instrumento, existe um leque de possibilidades para se adaptar em cada campo de aplicação.

Como por exemplo, Moura (2016) realizou análise de conteúdo para verificar a identidade e as práticas assumidas por consumidores de bebidas alcoólicas em contexto grupal no Distrito Federal. Ou no trabalho, realizado por Gomes (2017), que utilizou a análise de conteúdo para analisar os dados obtidos no trabalho: Brasília representada no artesanato e sua relação com o turismo.

Para Bardin (2004), a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise de comunicação, que utiliza procedimentos ordenados e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Sendo que a intenção de realizar a análise de conteúdo é a inferência dos conhecimentos obtidos por meio dos indicadores.

Para Flick (2009) a análise de dados é utilizada para realizar a interpretação dos dados coletados, utilizando técnicas menos ou mais refinadas e se destacando para a análise de dados qualitativos. Sendo um procedimento clássico para o autor,

o procedimento para analisar material textual.

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás do significado das palavras. Bardin (2004) divide o processo de organização da análise, em três etapas. A pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

De acordo com Oliveira (2008), a fase da pré-análise consiste na escolha dos documentos ou definição do corpus de análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos da análise, a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final, ou seja, organizar o material, sistematizar as ideias.

Para Bardin (2004) existem três etapas:

A primeira diz que essa fase se realiza a leitura flutuante do material, conhecendo o texto. A referência dos índices e elaboração de indicadores, que são recortes de texto dos documentos de análise.

A segunda etapa, constitui a exploração do material, definindo categorias e a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização e à contagem frequencial, podem ser palavras, frases, temas), a codificação a classificação e a categorização são básicas desta fase.

A terceira fase é a fase dos tratamentos dos resultados obtidos, interpretação e inferência. É o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica e é necessário que o pesquisador retorne ao referencial teórico, para embasar as análises, dando sentido à interpretação que vai realizar.

De acordo com Oliveira (2007), na terceira fase, se busca colocar em quantificação simples as informações analisadas, permitindo apresentar os dados.

A autora apresenta possíveis técnicas que são utilizadas dentro da análise de conteúdo para cada situação, são elas: análise categorial, de avaliação, de enunciação, de expressão e das relações.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Foi realizado um estudo que se caracteriza por ser uma abordagem qualitativa, para Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não é representada por números, mas sim por uma compreensão aprofundada de um determinado grupo social. Por outro lado, Malhotra (2001) define a pesquisa qualitativa como uma investigação não estruturada, exploratória e descritiva, que são baseadas em pequenas amostras que geram compreensão do contexto do problema.

Por se tratar de um tema pouco explorado, ou seja, com estudos limitados. Gil (2007) reforça a ideia sobre a pesquisa exploratória, que é realizada quando o tema escolhido é pouco explorado e existe uma dificuldade de formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Neste trabalho realizou-se um levantamento de artigos e periódicos, principalmente utilizando o Google Acadêmico, Science Eletronic Library Online e a Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília para embasamento teórico, que para Gil (2007), pode ser classificado como pesquisa bibliográfica ou Estado da Arte.

Definida a bibliografia utilizada, principalmente artigos, devido à escassez de outros estilos de trabalhos acadêmicos sobre o tema, se destacou os pontos importantes e necessários para o trabalho, como a construção do referencial teórico, a construção do questionário utilizado, visando abranger o máximo o que se gostaria de saber do grupo estudado e assim tendo embasamento para realizar uma análise precisa e fundamentada.

Obteve-se ajuda da Secretaria de Estado de Turismo do Distrito Federal, na Unidade de Gestão do Artesanato (UGA), que disponibilizou os dados oficiais e relatórios dos artesãos do Distrito Federal como também em nível nacional, pelo acesso que têm ao SICAB, que ajudou no embasamento teórico juntamente com as demais referências.

3.1.Elaboração e aplicação do questionário

Para realizar a coleta de dados deste trabalho foi aplicado um questionário elaborado e validado. Gil (2007) conceitua que um questionário é uma técnica de investigação que possui diversas questões e tem o objetivo de coletar informações.

O primeiro passo para elaboração do questionário foi mediante diversas visitas as artesãs, para obter direcionadores aos questionamentos. Nessas visitas, em que houveram conversas informais, foi possível observar os pontos principais que determinaram a elaboração do questionário.

A necessidade de entender a relação que as artesãs possuem com o artesanato, qual a visão delas com o trabalho que realizam, qual a real importância desse trabalho na sua vida. Qual foi a forma que ela aprendeu a produzir e o que fomentou essa vontade. Todos esses fatores foram observados durante estas visitas. A visita teve como intuito elaborar perguntas que conseguissem sanar, com efetividade, as hesitações formuladas. A importância da validação é:

- A abrangência, objetividade e clareza do vocabulário com que cada tema é expressado aos entrevistados;
- A relação de incorporação de algumas questões.
- Se há clareza para o entrevistado no que diz respeito ao roteiro.

Para elaboração das perguntas foi questionado a importância do trabalho artesanal na vida das mulheres, qual a diferença que aquele trabalho tem na vida delas, significado do trabalho artesanal, o retorno financeiro que existe, se existe valorização do seu trabalho artesanal na sua família.

O questionário foi elaborado com perguntas abertas e fechadas sendo semiestruturado (apêndice A), totalizando 18 perguntas. A elaboração do questionário foi feita em setembro de 2018 e foi disponibilizado por meio online da

plataforma *Google Forms* e divulgado em grupos de artesãos do *Facebook* e de *Whatsapp*, por líderes de grupos artesanais, líderes de eventos onde artesãos participam. Também foi divulgado por meio do *mailing* de artesãos da UGA.

O questionário ficou disponibilizado durante o período de 15 de outubro de 2018 a 10 de novembro de 2018, pois, esse período foi suficiente para se obter a porcentagem necessária de respostas para realizar uma análise adequada. Se obteve o total de 99 respostas. Além disso, cabe ressaltar que o foco principal da pesquisa foram mulheres que residem no Distrito Federal e realizam algum trabalho artesanato.

3.2. Análise de dados

A análise de conteúdo foi à técnica utilizada para analisar os dados obtidos e seguiu-se as três fases para o processo de análise estabelecidas por Bardin (2004),: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Neste trabalho a técnica utilizada de análise de conteúdo é a categorial. Esta análise é feita por meio do desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos que são interligados. Com uma abordagem quantitativa, pois mensura-se a frequência de aparição de certos elementos na mensagem para realizar sua categorização e assim, mensurar o que é mais verbalizado entre as respostas obtidas nesta situação.

Para aplicação desta técnica é necessário ser objetivo, sistemático, se obtenha a abordar apenas o conteúdo manifesto e que quantifique todas as verbalizações correlatas por questão.

Dessa forma, foram analisadas todas as respostas do questionário e separadas as respostas de cada questão presente no questionário, sendo possível analisar as semelhanças e diferenças existentes em cada grupo de respostas para cada pergunta existente.

Fazendo-se essa separação, foram definidas determinadas palavras-chaves

que conseguiam verbalizar a fala de diversas respostas de cada questão, se tornando categorias e assim se mensurou a frequência obtida em cada questão com as respostas obtidas.

Em respostas fechadas em que a escolha era feita entre opções determinadas, os gráficos foram apresentados para facilitar a apresentação e interpretação dos dados obtidos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção são analisados e discutidos os dados obtidos na aplicação do questionário. Estes dados foram expostos e tratados sob a perspectiva do referencial teórico e são apresentadas de acordo com as respostas das artesãs. O questionário conta com 18 perguntas e foram obtidas 99 respostas.

4.1. Análise dos Dados Biográficos

Com a aplicação do questionário semiestruturado, houve 99 participantes, destes, apenas, 85 válidas, ou seja, apenas 85 respostas foram de mulheres e que moram no Distrito Federal. Foram descartadas respostas de pessoas que se identificaram como homem ou que não residem no Distrito Federal. Totalizando 85 respostas válidas.

A idade média das artesãs que responderam o questionário é de 50,1 anos e a moda (número que mais se repete) é de 60 anos. A idade média das artesãs do Distrito Federal é relativamente igual ao dos demais Estados. Barroso *et al* (2013), cita em seu trabalho que o intervalo da idade das artesãs do Estado do Ceará se concentra entre 51 a 60 anos.

Por ser um trabalho onde os jovens não têm tanta inserção e nem vontade de aprender, é por si só um trabalho onde as pessoas que realizam já possuem uma idade mais avançada. Na análise que fiz durante minhas visitas a feiras de comercialização de artesanato, era notória a presença em grande maioria de artesãs de idade mais avançada.

O estado civil das mulheres que responderam o questionário em sua maioria é de 48,8% (42) casadas ou com união estável, 23,3% (20) separada ou divorciada, 22,1% (19) solteira e 5,8% (5) viúva e 100% das mulheres declaram que trabalham com o artesanato de alguma maneira. De acordo com Silva de Oliveira (2014), os trabalhadores artesãos brasileiros são em sua grande maioria casados ou vivem em união estável (61,3%). Outro dado que podemos comparar é que no Estado do Ceará, de acordo com Barroso *et al* (2013), geralmente as mulheres artesãs são

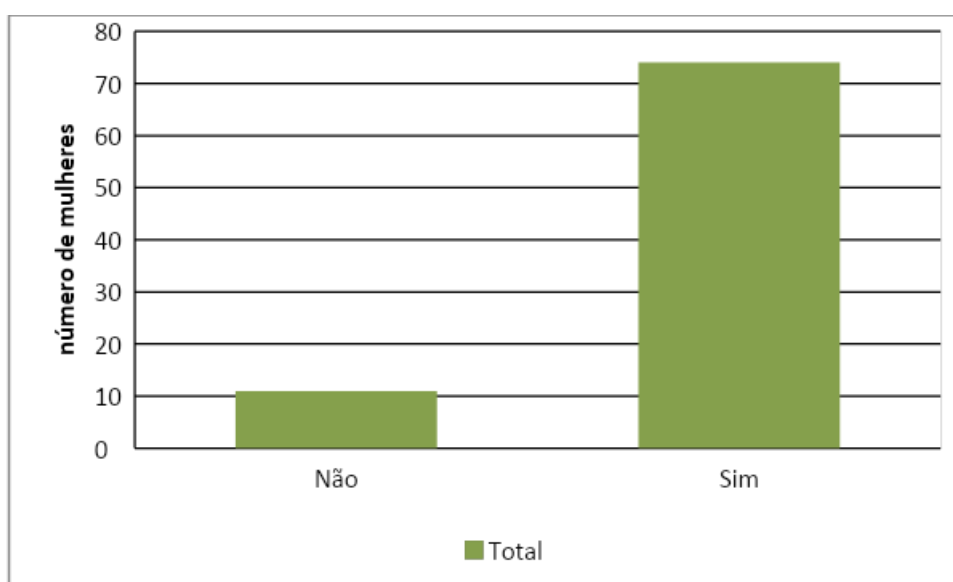
casadas.

Essa é a análise biográfica das mulheres que responderam o questionário. A partir dessas respostas podemos observar alguns padrões básicos do grupo estudado. E agora podemos analisar os questionamentos acerca do trabalho artesanal, da sua importância, o que significa o artesanato, qual a finalidade da produção artesanal, entre outros questionamentos. Essas informações estão presentes na próxima seção.

4.2. Análise da importância do trabalho artesanal

A segunda parte da análise dos dados do questionário é realizada sobre as demais perguntas que relatam ou retratam o envolvimento da mulher com o artesanato. Na Figura 1, se apresenta a informação da frequência de mulheres que possuem a carteira de artesão, ou seja, as mulheres que são cadastradas pela Unidade de Gestão do Artesanato, reconhecidas como profissionais da área e possuem sua carteira.

Figura 1- Possui carteira de artesão



Fonte:Elaborado pela autora, 2019.

Pode-se visualizar na Figura 1 que 87% das mulheres que responderam o questionário (74 mulheres) possuem a carteira de artesão, emitida pela UGA, que formaliza a profissão de artesão. A carteira permite que elas participem de eventos disponibilizados pela Secretaria, regulariza a situação profissional, isenta de tributação a mercadoria produzida. E 12,94% (11 mulheres) não têm o cadastro de artesão, apesar de trabalhar com artesanato, não possuem seu registro oficial, com isso, não possuem acesso às políticas públicas aplicadas junto do Programa Brasileiro do Artesanato em conjunto aos Estados que cooperam, no caso o Distrito Federal. Fomentando com abertura de Eventos, cursos de capacitação, isenção de impostos.

O relatório da Unidade de Gestão do Artesanato de 2018 e o relatório do perfil do artesão do Distrito Federal 2017, ambos emitidos, pela Unidade de Gestão do Artesanato/GDF, informaram que em Brasília existem, aproximadamente, 14.000 artesãos, e destes, 10.516 artesãos, possuem carteira de artesão profissional. Existindo uma diferença no número de pessoas que se reconhecem como artesãos e que possuem a carteira emitida pelo PAB.

A próxima pergunta do questionário aplicado foi *“quando falo de artesanato, o que lhe vem na cabeça?”*, com a intenção de saber o que essas mulheres entendem e assimilam como artesanato, para elas qual a significação do artesanato.

Para analisar as respostas foram criadas categorias, com o intuito de agrupá-las. Identificaram-se diversos sentidos para as mulheres quando se fala a palavra artesanato.

No quadro 1 foram agrupadas as categorias, o campo n_i , que representa a frequência absoluta de cada categoria presente nas respostas, é menor ou igual a 85 (número total de respostas). O campo p_i , representa a frequência relativa de cada categoria, é menor ou igual a 100% . Alguns participantes citaram mais de uma categoria na sua resposta, razão pela qual, o campo total, tem uma frequência maior que 85. Ou seja, uma pessoa que fala que, quando a palavra artesanato lhe vem à cabeça, pode responder que ela vem por terapia e renda extra, ao mesmo tempo. Sendo sua resposta computada nas categorias: saúde e renda. No quadro 1, é importante acrescentar que cada categoria tem seu exemplo de verbalização sendo:

- Trabalho manual, criatividade, originalidade, artesanal, trabalho diferenciado, trabalho demorado: “Muitas coisas lindas que você tem vontade de fazer,

mais o tempo é curto e o artesanato e um trabalho demorado. ” “Coisas feitas à mão”

- Produtos bonitos: “Beleza. Peça original e única” “Coisas lindas, criatividade, tintas, papeis, tecidos e muitas cores
- Amor pela arte, gostar do que faz, felicidade em produzir: “fazer o que gosto. ” “Peças feitas à mão por quem tem paixão”, “Peças feitas com carinho amor e dedicação”
- Renda: “Diversão renda extra saúde” “Meu sustento”
- Terapia e convívio com outras pessoas: “Terapia, renda a mais tbm”

Quadro 1 Categorias de pensamentos imediatos das mulheres artesã.

Categorias	Exemplos de verbalizações	ni	pi (%)
Trabalho manual, criatividade, originalidade, artesanal, trabalho diferenciado, trabalho demorado	<p><i>“ Muitas coisas lindas que você tem vontade de fazer, mais o tempo e curto e o artesanato e um trabalho demorado...”</i></p> <p><i>“Coisas feitas a mão”</i></p> <p><i>“Para mim Artesanato é o poder criar uma peça diferente com minha identidade.”</i></p>	45	56,9%
Produtos bonitos	<p><i>“Beleza. Peça original e única”</i></p> <p><i>“Coisas lindas, criatividade, tintas , papeis, tecidos e muitas cores</i></p>	3	3,7%
Amor pela arte, gostar do que faz, felicidade em produzir	<p><i>“FAZER O QUE GOSTO. ”</i></p> <p><i>“Peças feitas à mão por quem tem paixão “</i></p> <p><i>“Peças feitas com carinho amor e dedicação”</i></p>	19	24%
Renda	<p><i>“Diversão renda extra saúde”</i></p> <p><i>“Meu sustento”</i></p>	4	5,3%
Terapia e convívio com outras pessoas	<i>“Terapia, renda a mais tbm”</i>	8	10,1%
TOTAL		79	100

Fonte:Elaborado pela autora, 2019.

De acordo com o quadro 1, é possível perceber que a categoria trabalho manual, criatividade, originalidade, artesanal, diferenciação esteve presente na maioria das falas das mulheres que responderam o questionário (56,9%), já o amor pela arte, a felicidade em produzir, gostar de fazer artesanato foi a segunda categoria mais presente nas respostas da pergunta do questionário (24%). Desta forma, é possível afirmar que as mulheres que responderam o questionário em sua grande maioria têm a ideia que o artesanato significa um trabalho feito com as mãos, manual, que necessita de criatividade, originalidade, que é um trabalho que se demora mais tempo para ficar pronto, ele não é igual ao produto feito em grande escala que possui um tempo rápido de produção.

De Miranda (2012) afirma isso, quando fala que a principal característica do trabalho artesanal é a produção feita com as mãos, manualmente é um trabalho diferente dos produtos industrializados, que não tem um tempo obrigatório para ficar pronto. Cada artesão determina seu tempo de produção, e isso caracteriza o produto artesanal.

A próxima pergunta feita foi com intuito de saber como o artesanato surgiu na vida dessas mulheres, qual origem para que elas realizem o trabalho na área. A pergunta realizada foi *“Como o artesanato surgiu na sua vida?”*.

Para analisar as respostas foram criadas categorias com o intuito de agrupar as repostas. Identificaram-se diversas formas que essas mulheres tiveram contato com o artesanato e se formaram categorias. No quadro 02 foram agrupadas as categorias, o campo n_i , que representa a frequência absoluta de cada categoria presente nas respostas, é menor ou igual a 85 (número total de respostas). O campo p_i , representa a frequência relativa de cada categoria, é menor ou igual a 100%. Alguns participantes citaram mais de uma categoria na sua resposta, razão pela qual, o campo total, tem uma frequência maior que 85. Ou seja, uma pessoa que fala que o artesanato foi passado de geração a geração, também pode utilizar a terapia como forma para ter contato com o artesanato. No quadro 2, é importante acrescentar que cada categoria tem seu exemplo de verbalização sendo:

- Família, geração para geração, herança: “Aprendi com minha mãe que Deus a tenha, me ensinou muita coisa... depois fui me aprimorando sempre que vejo uma novidade tento aprender”
- Infância, escola, igreja: “Desde a infância, aprendi na escola” “Desde de criança faço trabalho manual, colégio escola parque e cursos” “Na minha escola primária tínhamos aulas de trabalhos manuais. “
- Interesse, Curiosidade: “curiosidade em aprender algo diferente.” “Mais curiosidade”
- Hobby: “Como um hobby desde quando era pequena. Comecei com 10 anos de idade”
- Necessidade financeira: “Necessidade de renda imediata” “Há 24 anos atrás quando tive uma briga com meu esposo e ele disse que se separasse de mim eu morreria de fome com a minha filha porque eu não trabalhava, aí foi quando comprei 10 panos de prato fiz o bico e vendi e vir que era uma fonte de renda segura, então fiz cursos e me aprofundei nessa arte”
- Terapia, saúde: “Como parte do tratamento contra a depressão. ” “Como terapia para fibromialgia e depressão” “Primeiro motivo foi porque tive que trancar um

semestre da UnB para descobrir o que tinha. Diagnóstico final foi esclerose múltipla, aí fazia como uma terapia as mandalas”

Quadro 2 Surgimento do artesanato na vida das pessoas.

Categorias	Exemplos de verbalizações	ni	pi (%)
Família, geração para geração, herança	<i>“Aprendi com minha mãe que Deus a tenha, me ensinou muita coisa... depois fui me aprimorando sempre que vejo uma novidade tento aprender...”</i>	30	35,29%
Infância, escola, igreja	<i>“Desde a infância, aprendi na escola” “Desde de criança faço trabalho manual, colégio escola parque e cursos” “Na minha escola primária tínhamos aulas de trabalhos manuais.”</i>	16	18,82%
Interesse, Curiosidade	<i>“CURIOSIDADE EM APRENDER ALGO DIFERENTE.” “mais curiosidade”</i>	17	20%
hobby	<i>“Como um hobby desde quando era pequena. Comecei com 10 anos de idade”</i>	5	5,88%
Necessidade financeira	<i>“Necessidade de renda imediata” “Há 24 anos atrás quando tive uma briga com meu esposo e ele disse que se separasse de mim eu morreria de fome com a minha filha porque eu não trabalhava, aí foi quando comprei 10 panos de prato fiz o bico e vendi e vir que era uma fonte de renda segura, então fiz cursos e me aprofundei nessa arte.”</i>	8	9,41%
Terapia, saúde	<i>“Como parte do tratamento contra a depressão.” “como terapia para fibromialgia e depressão” “Primeiro motivo foi porque tive que trancar um semestre da UnB para descobrir o que tinha. Diagnóstico final foi esclerose múltipla, aí fazia como uma terapia as mandalas”</i>	9	10,60%
TOTAL		85	100

Fonte:Elaborado pela autora, 2019.

De acordo com o quadro 02, percebe-se qual foi a forma que essas mulheres tiveram contato com o artesanato. Como ele surgiu na vida dessas mulheres. A categoria mais presente nas falas das mulheres (35,29%) foi que o surgimento do artesanato na vida delas, foi através do aprendizado com os pais, herança de família, de geração para geração. Aprendendo com a mãe, avó, tia e assim permanecendo viva aquela forma de se produzir.

A segunda categoria mais citada foi que por interesse ou curiosidade (20%) as mulheres procuraram aprender algo diferente e buscam o artesanato. A terceira categoria mais citada e que tem uma importância muito grande quando se associa o trabalho artesanal com as mulheres, é que muitas delas (18,82%) responderam que aprenderam quando crianças, nas escolas ou nas igrejas, o que reforça a ideia da ligação de que o trabalho artesanal é um trabalho feminino e antigamente ele era ensinado para as mulheres nesses locais como um ofício específico para mulher. E 10,5% responderam na categoria de terapia e saúde, que o artesanato surgiu na sua vida como uma forma de tratamento para depressão, ansiedade, esclerose.

Na minha vivência profissional trabalhando diretamente com o artesanato e mulheres durante 4 anos, acompanhei diversas situações em que mulheres, principalmente com idade mais elevada participavam dos grupos de exposição, das Rotas de Artesanato promovidas pela UGA, como forma de uma terapia ocupacional, sair de casa, ter contato com outras pessoas, sair de depressão.

A quinta categoria mais citada foi a questão financeira (9%), uma artesã que respondeu, inclusive citou o momento que levou ela a procurar aprender artesanato, que foi uma briga com o marido onde ele ameaçou ela de passar fome pois não tinha emprego, então, ela procurou o artesanato como fonte de renda para não ter que passar por essa situação.

A categoria menos citada foi a por hobby (5%), apenas 5 citações de respostas dessas mulheres foi por hobby, por diversão.

Confirmando o que a resposta do questionário nos traz, Dias (2007) fala do peso da tradição familiar na formação de novos artesãos, que a técnica é repassada dos mais antigos para os mais novos.

Fleury (2002) afirma também que o artesão pode ter aprendido sozinho a produzir ou ter aprendido em ambiente familiar, de geração para geração. Garcia (2015), diz que o artesanato foi historicamente relegado as mulheres, em todo o contexto da valorização que o trabalho do homem passou e a desvalorização do trabalho da mulher passou. E ela em seu trabalho afirma que a atividade de produção artesanal era incentivada pela igreja, pois se constituía numa forma

pedagógica de aprendizagem dos “papéis femininos”. “Coisa de mulher”. E o que muitas das que responderam o questionário falaram que aprenderam nas escolas.

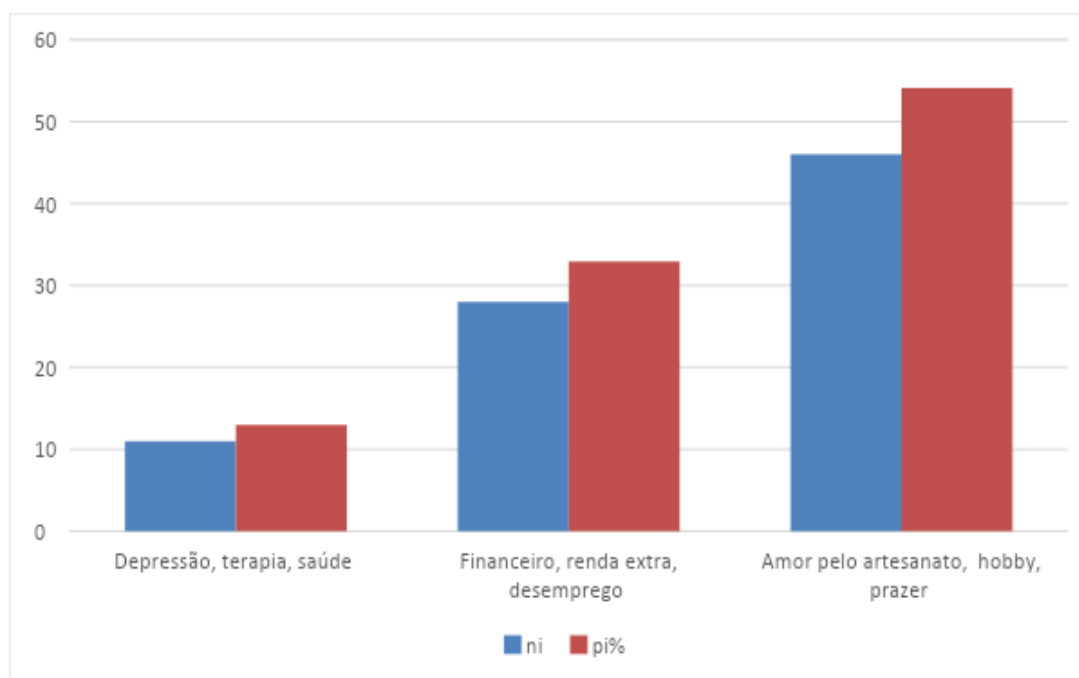
Garcia (2015), afirma que as escolas formais tinham o aprendizado em artesanato como parte do currículo. Ou seja, muitas mulheres se formam nessa perspectiva.

Fica claro que a grande parte das mulheres aprendeu na infância, com mulheres mais velhas da família, na escola, na igreja e que a sociedade fomentou essa relação do trabalho feminino ao trabalho artesanal.

A próxima questão levantada no questionário era “*Qual o principal motivo para trabalhar com o artesanato?*”, representada na Figura 2, o intuito da pergunta é para saber qual a necessidade que leva essas mulheres a estarem envolvidas com o trabalho artesanal. As categorias formuladas para análise dessa questão foram: saúde (terapia, cuidar de quadro de depressão, convívio em grupo, cuidar da mente), a questão financeira, o amor pelo artesanato e a flexibilidade de produção. Na Figura 2. é importante acrescentar que cada categoria tem seu exemplo de verbalização sendo:

- Depressão, terapia, saúde: É um trabalho terapêutico. Momentos comparáveis ao estado meditativo. Muito prazeroso. Evidentemente vender os produtos completa a busca de se ter dignidade com alguma auto-suficiência. “Terapia ocupacional”
- Financeiro, renda extra,desemprego: “Renda familiar” “Aumentar a renda e satisfação pessoal” “Porquê gosto do que faço é complementa minha renda. “
- Amor pelo artesanato, hobby, prazer: “Gostar do que faço é renda extra” “Hoje faço por que amor trabalhar com artes e também para ganhar Dinheiro, pouco mais ajuda”

Figura 2 Principal motivo para trabalhar com o artesanato.



Fonte:Elaborado pela autora, 2019

As respostas recebidas em sua grande parte ficaram entre duas categorias, a categoria financeira e a categoria do amor pelo artesanato, do prazer em produzir e muitas mulheres responderam as duas questões, como está exemplificado nas verbalizações das categorias. Esses prazeres na produção artesanal, associado em uma renda extra, em um dinheiro e uma forma de capitalizar atraem essas mulheres para esse mercado. 54,11% delas citaram que o principal motivo para a produção é o amor pela produção, o prazer em produzir ou um hobby, 32,94% citaram ou associaram a questão financeira a essa importância e 12,94% falaram da questão da importância da saúde, que a produção artesanal funciona como uma terapia para elas, ajudam no convívio em grupo.

D' Avilla (1983) fala da importância do artesanato na forma de gerar renda e emprego de forma rápida, onde é um trabalho que não necessita de grandes investimentos e é acessível para a população ter acesso. Uma das verbalizações que remetem a essa análise é de uma das mulheres que responderam da seguinte forma a pergunta de como o artesanato surgiu na sua vida: "*Há 24 anos atrás quando*

tive uma briga com meu esposo e ele disse que se separasse de mim eu morreria de fome com a minha filha porque eu não trabalhava, aí foi quando comprei 10 panos de prato fiz o bico e vendi e vi que era uma fonte de renda segura, então fiz cursos e me aprofundei nessa arte” Essa mesma mulher, quando foi perguntada sobre o principal motivo que levou a trabalhar com o artesanato, falou da questão financeira. Que, para a situação que passou há 24 anos, fez um investimento de 10 panos de pratos e começou a fazer o trabalho artesanal e obteve retorno, não precisar passar mais.

Barroso *et al.* (2013) fala da importância financeira da produção artesanal, que o artesanato gera renda para essas mulheres e mesmo as vezes sendo pouco, lhes possibilita certa autonomia, o que recai de maneira positiva na sua autoestima.

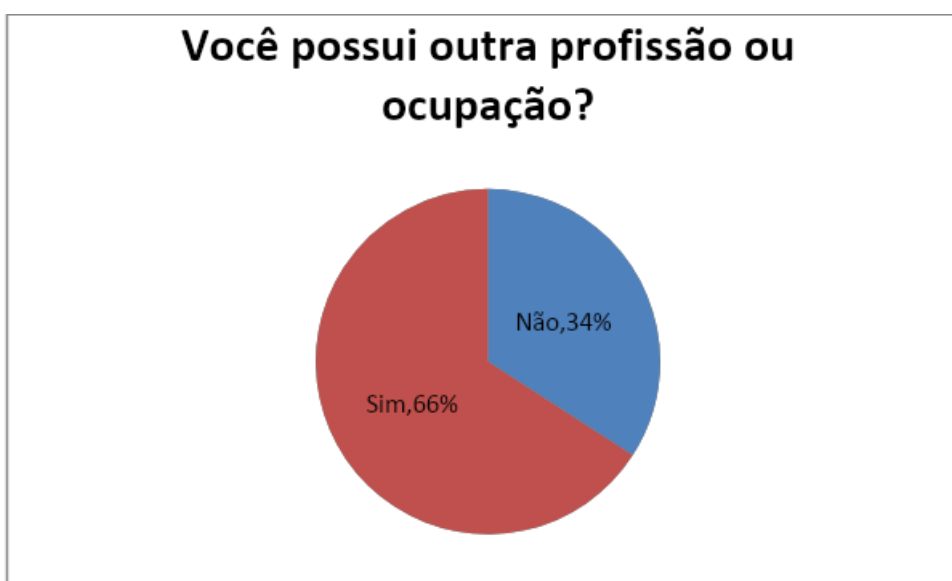
D’Avilla (1983) fala da importância do trabalho artesanal no desenvolvimento pessoal dos artesãos, no fomento da criatividade, na autonomia. E tudo isso está associado as respostas presentes dessas mulheres.

Barroso *et al.* (2013), afirma como o trabalho artesanal é construtor da identidade dessas mulheres, que através do trabalho artesanal elas passaram a se olhar um pouco mais, algo que possui a marca delas, uma habilidade que as legitima socialmente, que gera reconhecimento. E essa associação tem ligação com esse sentimento de prazer que muitas mulheres responderam no questionário. Esse amor pelo artesanato e a produção leva ao seu reconhecimento, uma das verbalizações existentes nesse sentindo foi a de uma artesã, que disse o seguinte: *“Hoje quero ser conhecida no Brasil”*.

Em relação as respostas que falam sobre a saúde mental, e na ajuda sobre a depressão, esse fator é de extrema importância e é um outro tema que pode ser futuramente analisado com mais maestria, e estudado sua real importância para ajudar pessoas que sofrem de problemas de saúde mental e como o artesanato pode afetar positivamente essas pessoas.

O próximo questionamento aplicado para as artesãs foi se elas possuíam alguma outra profissão ou ocupação além do trabalho com o artesanato, uma pergunta fechada, que suas respostas serão apresentadas através da Figura 3.

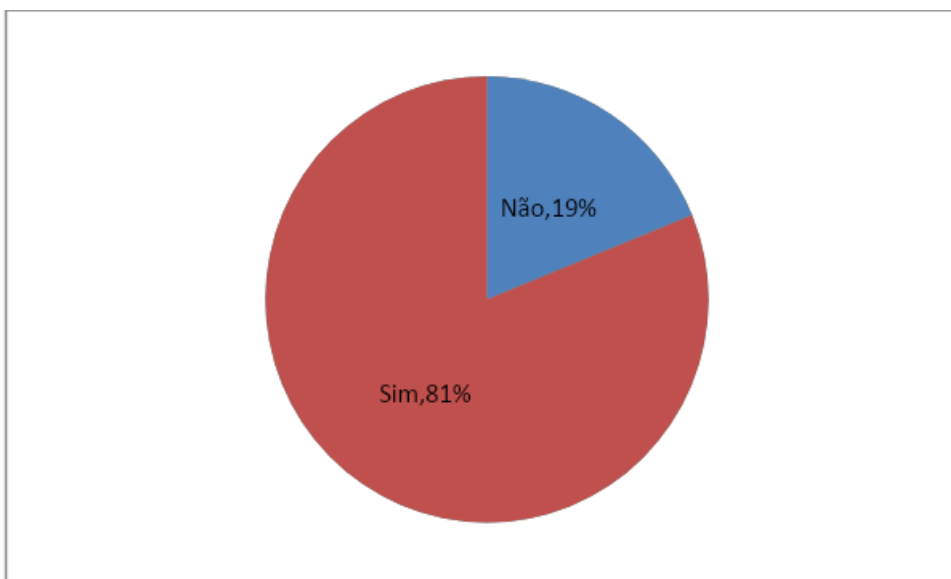
Figura 3 Você possui outra profissão ou ocupação



Fonte:Elaborado pela autora, 2019.

Analisa-se na Figura 3, 66% das mulheres realizam outro trabalho e atividade e apenas 34% trabalham apenas com o artesanato. Além da jornada de trabalho comum, algumas enfrentam a jornada de trabalho doméstico e ainda fazem o trabalho artesanal. Diferente do trabalho realizado pelas autoras Barroso *et al.* (2013), que realizaram uma análise no Ceará em 2010 com algumas artesãs e o trabalho artesanal no grupo estudo se apresentou como única atividade econômica.

A outra questão levantada no questionário era se essas mulheres participavam das feiras de comercialização. Sendo assim, se elas procuravam meios de escoar sua produção, vender, participar desses eventos.

Figura 4 Participa de feiras de comercialização

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Na Figura 4, ao responderem à pergunta, 81% das mulheres afirmam que participam dos eventos de comercialização e 19% não participam dos eventos de comercialização.

Essa participação em eventos de comercialização está ligada com a questão financeira, que algumas mulheres buscam no artesanato. O aumento da renda, a independência financeira o complemento no final do mês. Questões que foram respondidas nas questões anteriores e nas próximas também são levantadas pelas artesãs que responderam o questionário.

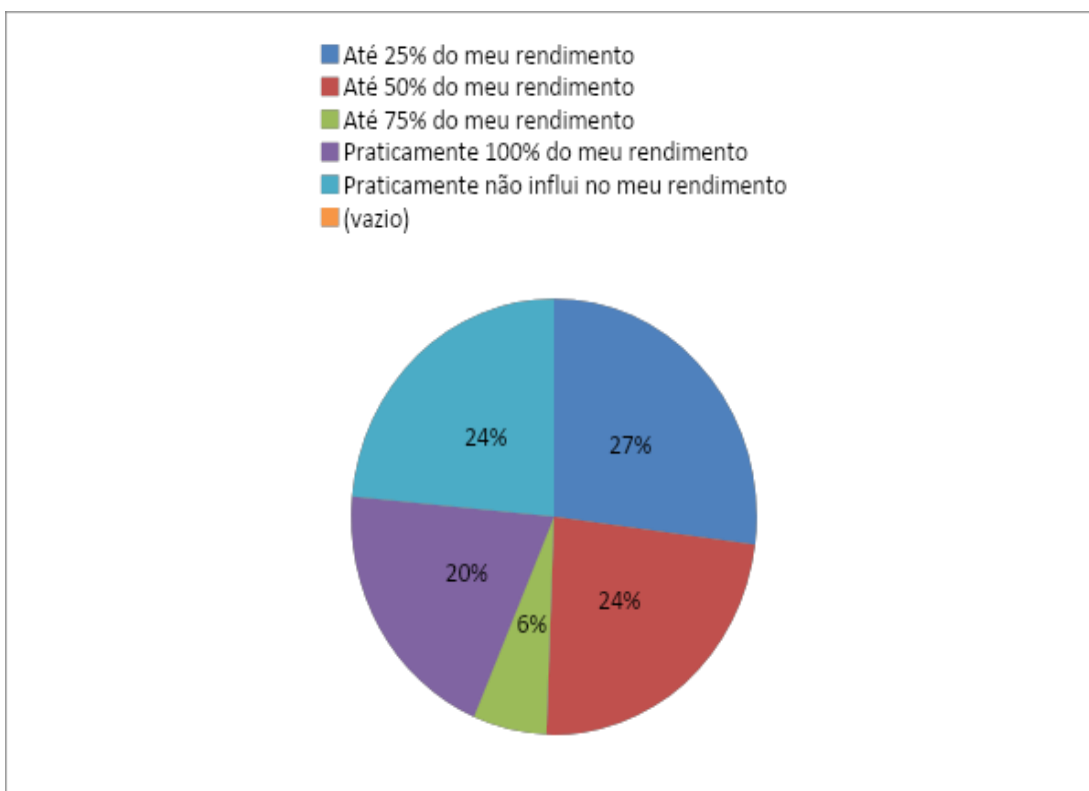
A busca por locais de comercialização não é um problema, a Unidade de gestão do artesanato, tem como uma de suas responsabilidades abrir espaços gratuitos para que essas artesãs possam estar comercializando. Ou seja, facilitando a participação dessas artesãs nas feiras de comercialização. De acordo com GDF, no ano de 2018, A diretoria de Mercado, que é integrante da UGA, abriu 169 eventos para participação dos artesãos do Distrito Federal.

A forma que se encontra de identificar espaços mercadológicos adequados para a comercialização desses produtos artesanais, que visam promover a geração de renda para os trabalhadores. Esses espaços são disponibilizados em parcerias

com eventos privados e espaços públicos e de forma gratuita. A artesã precisa ter a carteira de artesã para poder estar apta a participar.

A próxima questão que foi feita é: “Qual a importância econômica do seu trabalho com o artesanato?” Representada na Figura 5, buscando saber qual a importância do rendimento financeiro obtido com o artesanato na vida dessas mulheres. Para isso, foram dadas 5 opções de respostas para elas realizarem a escolha, sendo elas: Praticamente 100% do meu rendimento, até 75% do meu rendimento, até 50% do meu rendimento, até 25% do meu rendimento e praticamente não influi no meu rendimento.

Figura 5 Importância econômica do seu trabalho com o artesanato.



Fonte:Elaborado pela autora, 2019.

A próxima questão levantada foi para saber com qual finalidade elas produzem o artesanato, qual a intenção final na produção do seu trabalho. A análise das respostas foi feita por meio da criação de categorias existentes nas frequências

de respostas e será apresentada no Quadro 3, cabe lembrar que cada categoria apresenta suas verbalizações. Sendo:

- Terapia, saúde: Terapia, mais agora preciso vender”
- Ocupação, passar o tempo, distrair: “Forma de passa o tempo, ter material para expor em feiras.” “Me distrair e aumentar minha renda ajuda e muito!”
- Manter a cultura do artesanato: “Valorização do artesanato” “Mantenho a raiz de minha cultura”
- Financeira, comercialização, renda: “Vender e gerar renda”. “Ser minha aposentadoria”“Para sobreviver”
- Gostar do artesanato, satisfação em produzir, criar: “Aumentar renda familiar e porque amo essa profissão...” “Por amor e por que vivo dele”

Quadro 3 Finalidade de produção

Categorias	Exemplos de verbalizações	ni	pi (%)
Terapia, saúde	<i>“terapia ocupacional”</i> <i>“Terapia, mais agora preciso vender”</i>	4	4,83%
Ocupação, passar o tempo, distrair	<i>“Forma de passa o tempo, ter material para expor em feiras.”</i> <i>“Me distrair e aumentar minha renda ajuda e muito!”</i>	7	8,43%
Manter a cultura do artesanato	<i>“Valorização do artesanato”</i> <i>“Mantenho a raiz de minha cultura”</i>	3	3,61%
Financeira, comercialização, renda	<i>“Vender e gerar renda.”</i> <i>“Ser minha aposentadoria”</i> <i>“Para sobreviver”</i>	46	55,42%
Gostar do artesanato, satisfação em produzir, criar	<i>“Aumentar renda familiar e porque amo essa profissão...”</i> <i>“Por amor e por que vivo dele”</i> <i>“Por hobbie e prazer em colocar em pratica minha criatividade.”</i>	23	27,71%
TOTAL		83	100

Fonte:Elaborado pela autora, 2019.

Pode-se observar que 24% das mulheres que responderam o questionário afirmam que o trabalho artesanal praticamente não influi no rendimento financeiro,

27% responderam que influi em até 25% do rendimento delas, 23% disseram que influi em até 50% do rendimento, 6% responderam que influi em 75% e 20% responderam que influi em 100% do rendimento econômico delas.

Com esses dados observa-se que de alguma forma diretamente ou indiretamente o artesanato está sendo um complemento da renda ou para alguma a principal renda. Trazendo a importância financeira do trabalho artesanal para a vida dessas mulheres.

Ao analisar as respostas fornecidas pelas artesãs percebe-se que 55,4% das respostas dadas tinham ligação com a finalidade de venda, comercializar seus produtos, buscar independência financeira, teve uma das respostas dadas que foi de sobreviver. E essa é a realidade de muitas dessas mulheres que estão trabalhando com o artesanato. Muitas vezes sendo a única renda da família.

Verificando os dados que a Unidade de Gestão do Artesanato nos apresentou em seus relatórios, em um evento de grande porte, uma artesã pode chegar a comercializar em 3 dias de evento até R\$1.000,00 ou mais, ou algumas vezes, menos também, o mercado é instável e está sempre participando desses eventos de comercialização e sendo vista é o que pode facilitar o escoamento dessa mercadoria e alcançando sua finalidade primordial que é a geração de renda.

Outra categoria que foi citada nas respostas, com 27,7%, foi com a finalidade de gerar o prazer através do artesanato, por amor ao artesanato, para se colocar a criatividade para fora. Muitas das verbalizações vinha associada com a questão financeira, mas estavam atreladas a esse prazer em produzir algo que gera esse sentimento bom nas artesãs, que elas informam nas suas respostas.

Barroso *et al.* (2010), fala que o artesanato gera sentimentos positivos nas artesãs e de satisfação. E associar esse sentimento ao reconhecimento do público quando ela expõe esses produtos é a maior recompensa para elas. Tornando o artesanato o único meio de valorização dessas mulheres, podendo afirmar isso com diversas verbalizações dadas nas respostas do questionário. Uma das artesãs respondeu da seguinte forma: *“proporcionar felicidade para as pessoas ao adquirirem algo que gostem!”* outra diz, *“Ter um trabalho , uma ocupação, manter*

minha saúde mental e física, me sentir produtiva...". Então, é notório esse sentimento positivo que está associado ao trabalho artesanato junto a valorização dos produtos dessas mulheres.

Uma outra verbalização importante e que não foi dada com muita frequência, mas cabe reforçar a importância dela, é a de manter o artesanato vivo, fomentar a cultura. No total, 3,6% das mulheres citaram isso em suas respostas. E mesmo as demais não citando, entendo que de forma intrínseca todas as demais artesãs realizam essa atividade ao se manter produzindo artesanalmente em pleno século 21.

Para Garcia (2015), a realidade histórica de se manter o trabalho artesanal o manteve “vivo”, se mantendo durante séculos e perdurando até hoje, sendo um saber que muitas vezes é resultado de uma aprendizagem, que em grande parte passa de geração para geração.

Confirma-se aqui, em uma das perguntas feitas no questionário, que já foi analisado, observou-se que a grande parte das artesãs aprenderam com suas mães, avós, tias e até hoje estarem produzindo é uma prova de resistência desse saber fazer.

A principal forma de se aprender a forma de produzir artesanato, continua sendo a mesma, sendo de geração para geração, aprendendo com as mais antigas da família, e repassando para a geração que ainda tem interesse. Essa importância cultural também é destacada no trabalho e se percebe nas respostas obtidas comparadas com as bibliografias estudadas que as gerações futuras não tem tanto interesse em estarem produzindo artesanato, que muitos procuram o trabalho artesanal em momento de desespero financeiro e não como motivo para se fortalecer nossa cultura.

Já para 8,4% das mulheres que responderam o questionário o artesanato é feito com a finalidade de ocupação do tempo, se distrair e ocupar a mente, o que já tem uma ligação com a outra categoria que é a terapia, onde 4% das mulheres afirmam que realizam o trabalho com intuito de ajuda mental. E realmente, o artesanato, muitas vezes realiza esse papel, de ajuda mental, de ocupar, de

socializar.

Durante o período que trabalhei com diversas artesãs na Unidade de Gestão de Artesanato, conheci muitas mulheres que passaram a produzir depois que descobriram alguma doença. Algumas participavam das feiras para não ficarem sozinhas em casa, muitas já com idade, senhoras, e buscavam essa ocupação mental, que acaba se tornando uma terapia ocupacional para melhorar sua qualidade de vida e assim lutar contra uma depressão, uma ansiedade.

A próxima pergunta feita no questionário foi, *“você acredita que houve alguma mudança em sua vida a partir do seu trabalho com o artesanato? Se sim, qual foi essa mudança?”*. A pergunta foi feita com intuito de saber se essas mulheres conseguem analisar no seu contexto se o artesanato trouxe mudanças significativas para sua vida.

Dentro das respostas obtidas, apenas 4 mulheres disseram, que não sabem analisar ou acham que não houve nenhuma mudança. As demais respostas que foram positivas foram analisadas na forma de categorizar as verbalizações e quantificar as frequências obtidas com mais repetições. Apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4 Mudança na vida através do artesanato

categorias	Exemplos de verbalizações	ni	pi (%)
Mudança financeira e aumento de renda	<i>“Sim, me ajuda a pagar as contas no final do mês”</i> <i>“Sim. Através dele conquistei meus bens materiais “</i> <i>“Após minha aposentadoria é complemento do salário”</i>	16	19,76%
Mudança social, conhecer pessoas, inclusão social, socialização	<i>“Sim uma mudança enorme, inclusão social.”</i> <i>“Com certeza. Sou aposentada e iniciei um novo ciclo em minha vida de pessoas, de lugares, de emoções. “</i> <i>“Sim. Melhorou o meu humor e através das feiras e cursos fiz novas amigas”</i>	10	12,35%
Sentimento de reconhecimento, valorização, aumento de estima	<i>“Sim o reconhecimento dos clientes”</i> <i>“Sim. Tenho retorno muito positivo dos clientes.”</i> <i>“Como falei anteriormente , minha alegria voltou , a satisfação de ver algo que fiz ser valorizado por alguém.”</i>	19	23,45%
Cura de depressão, diminuição de stress	<i>“Sim. É um trabalho que consigo fazer sem ficar stressada.”</i>	26	32,10%

e ocupar a mente	<i>“Sou TDH e hiperativa. O Artesanato me acalma e me dá cidadania” “A mudança maior foi a ocupação da mente. O criar peças novas, renova a alma e cresce a auto estima.”</i>		
Todas as áreas	<i>“Sim todas as áreas “</i>	10	12,34%
TOTAL		81	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Analisando as respostas obtidas nessa questão, ressalta-se a importância do artesanato na questão da saúde mental das artesãs, em sua grande maioria, 32,09%, responderam que a principal mudança que sentiram foi na diminuição do stress, na cura de uma depressão, na melhoria da saúde mental, na hiperatividade e TDH (verbalização exemplificada).

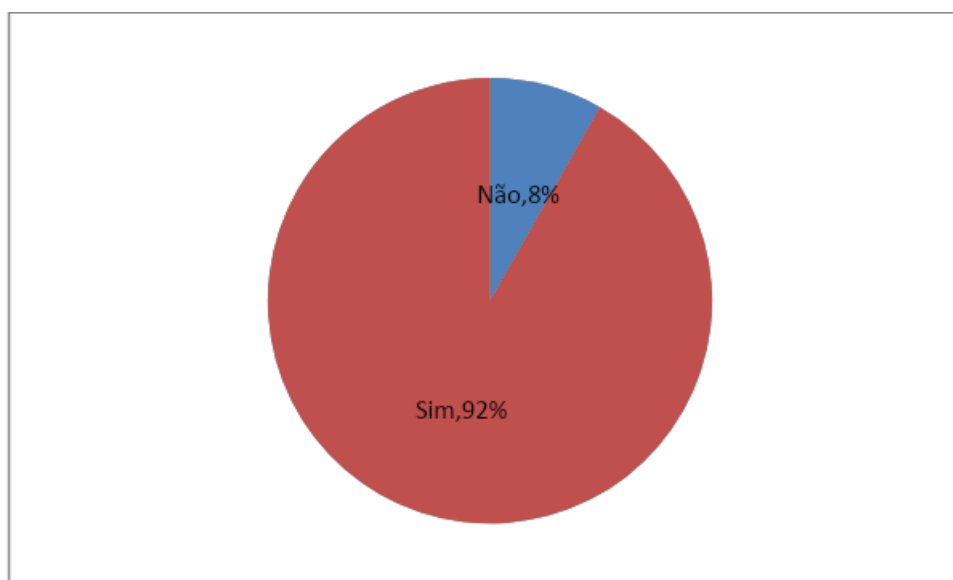
Reforçando o que se analisou no item anterior, da importância terapêutica que o artesanato tem na vida dessas mulheres. Durante as observações que tive e conversas informais com centenas de artesãs, apenas confirmei o que já desconfiava durante anos de trabalho diretamente com diversos grupos de artesãs. E 12,3% responderam sobre a inclusão social, a importância de se fazer novas amizades. Esse grupo que se forma se torna essencial para elas conviverem e se ajudarem.

Em 23,4% das verbalizações elas responderam da importância do reconhecimento, a valorização e o retorno positivo dos clientes. Como isso é importante para elas, essa geração de sentimentos positivos em torno do seu trabalho. Em 19,7% responderam da mudança financeira, que acaba não sendo nessa situação a principal mudança que ocorre na vida dessas mulheres. Analisando a questão anterior, onde o a finalidade principal é a financeira, ela não se torna a mudança principal sentida na vida delas. Ou seja, com intuito de se trabalhar com algo para ganhar dinheiro, as mulheres acabam ganhando qualidade de vida, felicidade por trabalhar com algo que gera prazer.

O próximo questionamento realizado foi para saber se as mulheres que responderam o questionário além de trabalharem com o artesanato, algumas terem o segundo emprego, ainda realizam a atividade doméstica. Ou seja, além da jornada de trabalho, realizam a dupla jornada que é cuidar da casa, filho e afins. Então foi

perguntado a elas, “*Você realiza as atividades domésticas de sua residência além das atividades laborais com o artesanato?*”. Foi dada a opção de sim ou não e as respostas serão apresentadas através da figura 06.

Figura 6 trabalho doméstico.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Analisa-sena Figura 6, que 92% das mulheres realizam o trabalho doméstico, cuidam de casa, cuidam dos filhos, muitas têm um segundo emprego e ainda fazem artesanato. Ou seja, tem-se mulheres que possuem até 3 jornadas de trabalho diárias. Mesmo existindo a valorização do trabalho feminino, seja dentro de casa ou fora de casa, ele é de extrema importância. São as responsáveis por cuidar da casa. 8% das mulheres que responderam o questionário não realizam a atividade de casa, essas tarefas devem ser realizadas por uma empregada doméstica, ou seja, outra mulher que realiza a tarefa de casa.

Para Barroso *et al.* (2013), o trabalho de dedicação às atividades domésticas tanto é desvalorizado pela sociedade que nem chega a ser reconhecido como tal. E essa desvalorização, leva as mulheres a não acreditarem na sua capacidade de serem reconhecidas e valorizadas.

Araujo e Scalon (2005) afirmam que esse trabalho doméstico condicionado a

mulher, que a coloca como principal responsável pelos cuidados da casa, é um fator que limita as possibilidades de aprimoramento e dedicação as atividades laborais.

E reafirmando isso Bruschini (2008) fala que, as mulheres continuam sendo as responsáveis pelo cuidado da casa, dos filhos, o que sobrecarrega para que as realizem outra atividade remunerada. E por mais que as artesãs sintam prazer em produzir, o trabalho doméstico é um fator impeditivo para se inserirem no mercado formal de cabeça e se dedicarem mais. Sempre preocupadas com as demais tarefas e com o cansaço.

A próxima pergunta é “*Você acredita que o seu trabalho com o artesanato contribui ou contribuirá para sua inserção na vida social? Caso afirmativo, de que forma*”, o intuito da pergunta é saber de que forma as artesãs entendem que o artesanato influenciou na inserção na vida social delas, na inserção dos grupos, ou se elas têm essa perspectiva.

Entre as respostas dadas, 7 mulheres responderam que não acreditam que o artesanato tenha influenciado nessa área. As demais respostas foram positivas, ou seja, 91% das mulheres entendem que o artesanato contribuiu ou contribuirá para a inserção delas na vida social. As verbalizações foram divididas nas categorias e apresentadas com suas devidas freqüências para serem analisadas no Quadro 5:

Quadro 5 Inserção na vida social

Categorias	Exemplos de verbalizações	ni	pi (%)
Inserção no mercado de trabalho/gerando emprego	<i>“Ele me inseriu no mercado de trabalho.”</i> <i>“Sim...gerando no mínimo 10 empregos”</i>	5	6,41%
Conhecendo pessoas novas, tendo contato com novas pessoas	<i>“Através do contato com clientes e outros artesãos.”</i> <i>“Contato com pessoas diversas...”</i> <i>“É uma forma de conhecer mais pessoas”</i>	23	29,49%
Aumento da estima e reconhecimento	<i>“Sim, é uma forma de reconhecimento, serei lembrada por aquilo que faço.”</i>	5	6,41%
Participando de eventos	<i>“Em cada evento é uma relação diferente, sempre agregando valores.”</i> <i>“Sim... Fiz muitas amizades boas nas feiras”</i> <i>“Sim... Nas exposições, me relacionando com outros artesãos.”</i>	12	15,39%
Responderam apenas sim	<i>“Sim”</i>	19	24,36%
A troca de saber entre artesãs	<i>“Sim, gostaria de ensinar o que sei.”</i> <i>“Sim. Troca de informações sobre a prática da arte, sobre obter o material usado, etc.”</i> <i>“Sim. Posso ensinar quem queira...”</i>	14	17,94%
TOTAL		78	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Analisando as categorias principais apresentadas nas respostas identifica-se

que a mais verbalizada é conhecer pessoas novas, tendo contato com novas pessoas, com 29,49% das respostas, ou seja, a principal inserção que o artesanato faz na vida dessas mulheres é formar esse novo núcleo social que ele agrega através do seu trabalho, seja com clientes, seja com colegas de trabalho que participam de feiras, cursos.

Uma das verbalizações que me chamou atenção foi a de uma artesã que respondeu da seguinte maneira, *“Sim, não ter tempo para ficar triste”*. Conclui-se o tamanho da importância de um trabalho que gera um sentimento tão positivo em uma mulher afastando a tristeza dela.

Outra verbalização que corrobora com o dessa artesã é essa troca de energia positiva que o artesanato traz para essas mulheres, outra artesã respondeu da seguinte maneira, *“Claro porque a arte, o belo, atraem boas energias. Conheci pessoas incríveis, belos trabalhos e histórias interessantes.”*. Ao conhecer outras pessoas, outras histórias, terem contato com mundos diferentes do que elas são inseridas, aquilo serve apenas para trazer coisas boas para essas mulheres.

Outra resposta interessante é a inserção na vida social pela troca de saber e conhecimento, 17,94%, responderam que se sentem inseridas dessa forma, ou podendo ensinar ou podendo aprender com outras artesãs coisas novas, trocar informações. Agregando valor ao trabalho uma das outras.

Em algumas das visitas que realizou-se a Rota do Artesanato Candango, pelo meu trabalho, para acompanhar o evento e as artesãs, sempre se observou que durante o tempo que a feira estava acontecendo, uma artesã sempre estava ensinando algo para outra, grupos se formavam para fazer essa troca de saber, uma técnica artesanal que uma não sábia e que seria passada para as demais.

Muitas mulheres responderam apenas afirmando que sim, 24,36%, e não explicando de que forma percebiam essa inserção na vida social. Mas se avalia que esse sentimento é algo sentido e de forma forte nessas mulheres e juntando com as demais questões que foram respondidas, que em muitos momentos elas falaram da importância que houve na vida delas através desse conhecimento de novas pessoas e dessa inserção na vida social.

A próxima pergunta do questionário é a seguinte, *“Como mulher, qual a sua visão sobre artesanato?”*, com intuito de saber das mulheres o significado para elas trabalhar com o artesanato, qual a visão delas sobre essa atividade, se ser mulher interfere a forma que ela realiza o trabalho. Buscando entender literalmente a visão delas perante essa atividade.

As respostas obtidas foram as mais diversificadas possíveis. Das 85 respostas obtidas, 17,64% (15 verbalizações) foram negativas, dizendo que elas não associam o trabalho artesanal a questão de gênero e não acham que isso influencia em algo, logo não tinham o que opinar. Uma das verbalizações foi a seguinte *“Não encontro dificuldade nenhuma em ser mulher e trabalhar com artesanato.”*.

As demais 82,35% das verbalizações que ocorreram nessa resposta, reforçam toda a discussão que foi levantada neste trabalho, entre diversas visões que elas têm sobre o artesanato.

Entre as principais verbalizações que foram feitas, se apresenta em relação a postura da mulher, e essa construção social que foi feita em relação a mulher. Um exemplo de resposta neste sentido é, *“A mulher me parece ser um ser mais detalhista, mais paciente, na sua maioria. Evidentemente não há regras sem exceção, mas a delicadeza é um ponto importante na confecção do artístico.”*, construindo essa ligação com essa ideia de que a mulher é mais delicada para o trabalho artesanal, algumas mulheres ainda tem a ideia de que o artesanato deveria ser ensinado nas escolas, como era antigamente, como apresenta a resposta de uma das artesãs, *“Acho que deveria ser ensinado nas escolas, para as meninas. De grande valia.”*.

Para Silva (2011), existe uma homologação dos trabalhos exercidos pelas mulheres que o tornam naturais e inerentes a elas, isso passa a ideia da essência desse trabalho é feminino, e vem da questão biológica, sexual e não uma construção social. Porém, Kergoat (2003), diz que isso é a reafirmação da desigualdade que existe dos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres e que nesse processo de diferenciar o trabalho da mulher e de homem existe uma hierarquização.

Podendo analisar isto nas respostas, onde muitas mulheres têm na sua

concepção que o artesanato é um trabalho de mulher, seja por que foi ensinado de geração para geração, seja por que permite que ela faça suas atividades domésticas e cuide do seu lar.

Uma verbalização que apresenta essa disponibilidade do trabalho é *“Independência, cidadania e autoestima. O Artesanato é vital para mim. Por ser, também, do lar, o Artesanato me dá chance de trabalhar nas horas que término as tarefas de casa.”*

Reforça essa atividade que permite a mulher exercer seu trabalho de casa e reforça o que Barroso *et al* (2010) fala, da importância do trabalho artesanal na independência dessas mulheres, e na valorização que elas passam a ter pelo seu trabalho, quando ele é reconhecido pelos clientes, pelo público em ambientes externos.

As autoras falam que o artesanato mostra para elas mesmas o quanto são capazes e isso modifica a forma que essas mulheres passam a se ver e se reconhecer. Se sentindo capazes, admirando suas habilidades.

Confirmando essas afirmações das autoras, diversas verbalizações trazem este sentimento de reconhecimento, e como isso influencia na vida delas. Por exemplo na verbalização da seguinte artesã: *“É empoderamento... É auto afirmação... É construção de uma sociedade mais igualitária..”* ou *“Significa que é minha profissão, e sou uma mulher muito feliz e realizada , é muito gratificante Quando o cliente gosta do seu produto”*.

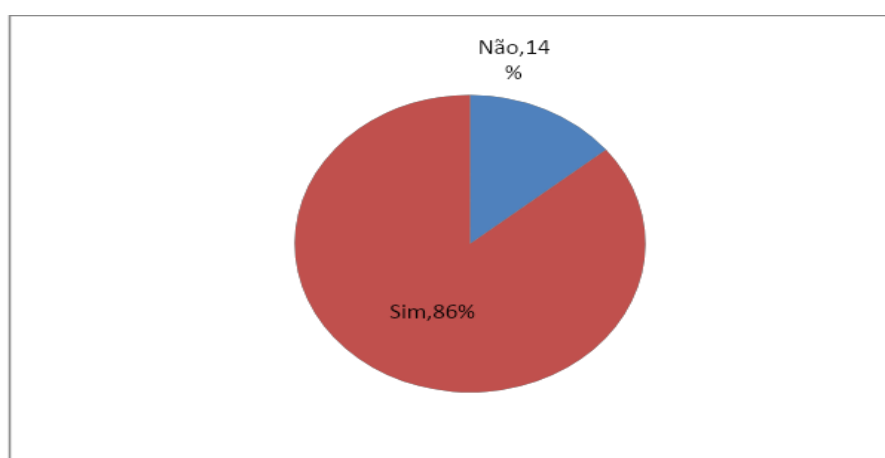
Ao trabalho artesanal são atribuídas qualidades consideradas femininas, como a delicadeza, o carinho, a destreza para a produção. Esse reconhecimento, receber elogios pelo trabalho tem uma importância enorme na vida dessas mulheres que produzem.

Barroso *et al* (2010), afirma que o mais importante disso tudo é que por não serem reconhecidas pelo seu trabalho dentro de casa, esse reconhecimento, quando elas passam a comercializar em espaços públicos, serem valorizadas pelo público externo. E muitas vezes o trabalho artesanal é a única forma de valorização e reconhecimento de si mesmas dessas mulheres.

As demais verbalizações todas apresentam a questão de empoderamento, geração de renda, a importância terapêutica, a importância para a diminuição da desigualdade entre homens e mulheres.

A última pergunta realizada no questionário foi a seguinte, “*Você reconhece a importância do seu trabalho com o artesanato como um empoderamento feminino?*”, foi uma pergunta fechada, com a opção entre sim ou não e será apresentada em forma da Figura 7.

Figura 7 A importância do seu trabalho com o artesanato como um empoderamento feminino.



Fonte:Elaborado pela autora, 2019.

Conclui-se que 86% das mulheres reconhecem o artesanato e seu trabalho como forma de se empoderar perante a sociedade, perante o machismo existente, e essa auto-afirmação, essa valorização e reconhecimento, compilados com as demais respostas obtidas, se percebe a importância que o artesanato tem hoje na vida dessas mulheres, passando por diversas áreas e tendo uma construção fortificada de valorização, o que vem sendo ao contrário, no começo, quando o trabalho artesanal era considerado coisa de mulher exatamente por ser um trabalho desvalorizado e não reconhecido.

Velloso *et al* (2006), aborda a importância de se discutir as relações de gênero. Na cooperativa regional de artesãs fibras do sertão, na Bahia, as mulheres que trabalham com o artesanato precisaram conscientizar seus maridos, suas famílias, que o artesanato não era apenas um passa tempo, ou uma atividade fácil. As mulheres se dividiam entre o trabalho na área rural, cuidar da casa e fazer o artesanato. Ou seja, as três jornadas, que a mulher tem que dá conta. Para isso a

cooperativa realizou algumas reuniões com toda a família para discutir a questão de gênero, um dos maridos das artesãs, se manifestou durante a atividade e reconheceu a importância do trabalho e admitiu não reconhecer antes a importância da atividade artesanal.

A importância desse processo na vida dessas mulheres é imensurável. Seja no Distrito Federal, na Bahia ou Ceará, o processo de desvalorização do trabalho feminino é sentindo até os dias de hoje, e começa dentro da sua casa.

Esse fato é narrado nas respostas do questionário aplicado nesta pesquisa, e foi visto nas demais. A queixa das artesãs, sobre a desvalorização interna e a busca pela valorização externa do seu trabalho, e como isso afeta positivamente sua vida, trazendo alegria, animo.

Para Velloso *et al* (2006), reconhecer a equidade nas relações de gênero, é fundamental na vida das mulheres. Reconhecer o trabalho artesanal traz autonomia, independência e cidadania para essas mulheres, as coloca em uma relação de empoderamento perante a comunidade e sua família.

Durante a análise das questões, se percebe que as artesãs do Distrito Federal se diferem nas suas características apresentadas no questionário pela própria situação no Distrito Federal, se formos comparar o perfil das artesãs do DF com as do Ceará, por exemplo, que foram analisadas no trabalho da Barroso *et al* (2010), grande parte não sabe aferir a importância e a ligação que existe com o artesanato, apenas sabe que é uma forma de gerar renda, que é passado de geração para geração a muitos anos.

Percebe-se que existe um abismo grande e uma discrepância, grande parte das artesãs do DF não trabalha só com o artesanato, o que já não acontece no Nordeste, onde o artesanato é fonte única de renda.

A artesã tem um nível de conscientização maior do seu trabalho e da importância do seu trabalho, e essa análise eu pude realizar comparando as respostas obtidas com o questionário e com a minha convivência com as artesãs durante esses anos na Unidade de Gestão do Artesanato, com as de outros trabalhos feitos por outras regiões do país que de alguma forma descrevem a realidade de cada artesã e suas necessidades.

5. CONCLUSÃO

O perfil da mulher artesã do Distrito Federal é de mulheres na média de idade de 50 anos, com 48,8% casada ou em união estável, a maior parte das artesãs possui a carteira de artesão, que é o reconhecimento profissional. E 66% das artesãs possuem outra profissão e não vive apenas do artesanato. A maioria das mulheres realizam atividade domésticas na sua casa, e não possuem uma secretaria para ajudar.

A principal forma que essas mulheres aprenderam a produzir o artesanato foi através da passagem de aprendizado de geração para geração da família e através da curiosidade em aprender.

O principal motivo que levou as mulheres a trabalhar com artesanato é o amor pelo artesanato e a questão financeira. Ou seja, um trabalho prazeroso que traz um retorno financeiro para as artesãs.

E o artesanato possui interferência tanto na vida financeira, quanto social e na saúde dessas mulheres, ajudando no combate a depressão e na saúde mental.

A inserção social ocorre conhecendo novas pessoas, trocando conhecimento com outras artesãs e clientes. Participando de feiras. Saindo de dentro do ambiente doméstico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Após tantos anos trabalhando diretamente com as artesãs e obtendo essas inquietações junto comigo, pude no meio acadêmico buscar analisar essas vontades e transformar em um trabalho que chega a afirmações que antes eram suposições.

Durante todas as perguntas e todas respostas obtidas, se identificaram confirmações de tudo que pela análise feita informalmente durante esses anos já se tinha suspeitas.

A mulher é notoriamente grande parte do número de artesãos cadastrados hoje nacionalmente, e no Distrito Federal, ou seja, por si só, já é um trabalho que tem sua participação comprovada em grande maioria de mulheres.

Saber de onde veio essa construção que coloca a mulher como sendo a principal responsável pela produção artesanal e todas as questões que estão em orbita disso são extremamente valoráveis, não só para esse trabalho, mas sim também para o contexto social que passamos. Ser mulher, trabalhar, cuidar de casa, filhos, buscar espaço no mercado, nada disso é fácil e apenas sendo e passando por algumas situações podemos ter essa consciência.

Neste trabalho conclui que a mulher percebe cada dia mais a importância do seu espaço, a importância de estar produzindo, a importância de estar se fazendo se sentir útil. As mulheres buscam por visibilidade, valorização, reconhecimento. E se percebe que o artesanato pode ser o motor transformador dessas mulheres, formando mulheres mais conscientes, mais criativas, líderes e que se importam em entender o contexto político social que estão inseridas, buscando não retroagir e sim evoluir.

A importância financeira que o artesanato possui na vida dessas mulheres é indiscutível, gera-se renda, sustento, formas de a economia girar e elas conseguem em um momento tão delicado se manter. Daí existe a importância de se fortalecer as políticas públicas que reconheçam e incentivem o artesanato.

Outra mudança evidente na vida dessas mulheres é na questão social, na inserção social delas, e como isso tem valia para a saúde mental delas e funciona como uma terapia, ocupando a mente, curando doenças, depressões e socializando mulheres que muitas vezes estão sozinhas ou se sentem sozinhas.

Durante muitas visitas em espaços de evento onde as artesãs estão, sempre em conversa com elas, recebia a resposta que muitas delas saiam de casa com o

intuito de buscar companhia das colegas, que se alegravam em passar o dia todo ali e que muitas vezes mesmo não vendendo nada, ou, realizando uma venda abaixo do esperado, o prazer em estar ali superava essa questão. E isso foi confirmado com as respostas obtidas no questionário.

A ideia do trabalho não era focar na cadeia de produção artesanal e nem nas técnicas produtivas, mas sim na forma que se existe da importância de ter a mulher inserida nesse meio, ou seja, conhecer o contexto social destas mulheres.

As autoras Barroso *et al* (2010), traz isso em seu trabalho e reafirma neste, a importância da geração de sentimentos positivos que o artesanato gera. Fazendo com que as mulheres se sintam capazes, que elas se valorizem. Isso sim é uma mudança na vida dessas mulheres e orbita por todas as áreas, financeira, social, emocional e na saúde, e como as mesmas autoras afirmam, o artesanato gerou um resgate de identidade nessas mulheres. Através dele projetos de vida foram construídos e reconstruídos. E ainda existe muito que se fazer.

Importante reafirmar a importância da presença de políticas públicas para regulamentar, fomentar e incentivar essa área econômica tão importante e muitas vezes banalizada. Que nessa atual conjuntura que vamos passar nos próximos anos, não venhamos a retroceder nos avanços que tivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, P. C. Brasília: marcas indenitárias sobre a cidade, marcas urbanas sobre a identidade. **Revista Interdisciplinar de trabalhos sobre as Américas (RITA)**. n.1, 2008. Disponível em: <http://www.revue-rita.com/dossier-thema-32/brasa-marcas-identitas-thema-524.html>. Acesso em 02/02/2019.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. **3ª ed. Lisboa: Edições 70**, 2004.
- BARROS, L. A. dos S. **Design e artesanato: as trocas possíveis**. 132 p Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.
- BARROSO, H. C.; FROTA, M.H de P. A trama do trabalho artesanal para mulheres cearenses: desvendando códigos de gênero. **ENCONTRO FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES E DESLOCAMENTOS**, v. 9, 2013.
- BRASIL. DECRETO** nº 1.508, de 31 de maio de 1995. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1995/decreto-1508-31-maio-1995-426240-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso 11 janeiro 2019.
- BRASIL.** Portaria nº 1.007-sei, de 11 de junho de 2018. Disponível em <http://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11>. **Acesso 11 janeiro 2019.**
- BRASIL, PORTAL. **Turismo investe R\$ 57 milhões em centros de artesanato**. 2013. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/turismo/2013/12/turismo-investe-r-57-milhoes-em-centros-de-artesanato> > Acesso 11 janeiro 2019.
- BRUSCHINI, C.; MARTINEZ R.; ARLENE, M.; MERCADO, C. (2008) in MARUANI, M.; LOMBARDI, M. R.; HIRATA, H. (orgs.) (2008) Trabalho e Gênero, França – Europa – América Latina. Rio de Janeiro: **Editora Fundação Getúlio Vargas**. 2008.
- CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: **EDUSP**, 2008.
- D'AVILA, J. S. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In RIBEIRO, B. (Org.). O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. FUNARTE. Rio de Janeiro, 1984.
- DE FIGUEIREDO, M. D., DO NASCIMENTO, M. A.; MATOS, F. R. N.; DE QUEIROZ, M.D. Empreendedorismo feminino no artesanato: uma análise crítica do caso das rendeiras dos Morros da Mariana. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, 14(2), 110-123. 2015.
- DE MIRANDA, R.; LUDIMILA; DA S.; MARCOS, N. S.; DINIZ, R.F. Artesanato mineiro: limites e possibilidades da atividade artesã no município histórico de rado/MG/Handcraftsfrom Minas Gerais: limitsandpossibilitiesofartandcraft in historicaltownofrados/Minas Gerais. **Observorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 4, n. 11. 2012;

FERREIRA, J.F. Setor de artesanato no Distrito Federal: diagnóstico. Brasília. 106p: **SEBRAE/DF**, 2005.

FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. In: **Desenho da pesquisa qualitativa**. 2009.

FLEURY, C. A. E. **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

GARCIA, G. S. **Os feminismos do Distrito Federal: conjunturas e desafios contemporâneos**. 77 p. Monografia para o curso de Ciências Políticas. Universidade de Brasília, 2015.

GERHARDT, T. ; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. **São Paulo: Atlas**, 2007.

GOMES, Patrícia Lemos Corrêa. **Artesanato em Brasília: uma cartilha sobre comunicação para artesãos de raiz**.50p. Monografia para o curso de Comunicação social. Universidade de Brasília. 2016.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Relatório de atividades**: Unidade de Gestão do Artesanato. Brasília, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Amanda%20Borges/Downloads/RELATA%CC%83_RIO%20DE%20ATIVIDADES_UGA_2018%20(1).pdf. Acesso em: 1 dez. 2018.

HIRATA, H. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e sociedade. **Biotempo**. São Paulo, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: cultura – 2014**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2015. 106p.

KELLER, P. F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. In: **Revista de Ciências Sociais**, n. 41, pp. 323-347, outubro de 2014

KELLER, P. . ARTESANATO EM DEBATE: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 8, n. 15, 2011.

KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: EMÍLIO, Marli *et al.* (Orgs.). Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 55-63. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345998/mod_resource/content/0/KERGOAT.%20Divisao%20sexual%20do%20trabalho%20e%20relacoes%20sociais%20de%20sexo.pdf. Acessei em 22/01/2019.

KUBRUSLY, M.E.; IMBRIOSI, R. Desenho de fibra: artesanato têxtil no Brasil. Rio de

Janeiro: **SENAC**, 2011.

LIMA, R. G. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** (2003). Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/.../Artesanato/Artesanato_e_Arte.../CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em 18/10/2018.

LIMA, R. Artesanato: cinco pontos para discussão. **Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2005.**

LIMEIRA, A.C. **Artesãs profissionais: relações entre os saberes da cultura artesanal e os saberes tecnológicos nas histórias de vida de egressas do Curso Técnico de Artesanato/PROEJA do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Alagoas IFAL.** 2015.

MARX, Karl. O capital–Crítica da economia política. Vol. 1: O processo de produção do capital. **Tradução de Reginaldo Sant’anna**, v. 2, p. 201-203, 1967.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing-: Uma Orientação Aplicada.** Bookman Editora, 2001.

MARINHO, Heliana. Artesanato: tendências do segmento e oportunidades de negócios. **Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ**, 2007.

MARQUES, M. G. **Fatores de inovação através do artesanato do nordeste do Brasil.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

OLIVEIRA, C. D. **As relações artesanais e o estímulo ao desenvolvimento local no Brasil, em Gouveia-MG e outras diferentes escalas.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia da UFMG. Belo Horizonte. 2007.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. **São Paulo: Contexto**, 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **Women in class society.** 1982.

SEBRAE. **Programa SEBRAE de artesanato termo de referência.** Brasília, DF: SEBRAE Nacional, 2010.

SICAB. Programa do artesanato Brasileiro. 2018. Disponível em <http://www.secretariadegoverno.gov.br/micro-e-pequena-empresa/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro>. Com acesso 11 janeiro 2019.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. História das mulheres no Brasil. **8ª ed. São Paulo: Contexto**, 2006. p. 578-605.

RIOS, J. A. **Artesanato e desenvolvimento: o caso cearense.** Rio de Janeiro, Serviço Social da Indústria, 1963.

SANTARÉM, P. H. S. A cidade Brasília (DFE): **conflitos sociais e espaciais significados na raça**. 2014.

SAFFIOTI, H. **Trabalho feminino e capitalismo**. In: Perspectivas. São Paulo, vol. 1, 1976. p. 119-163

SEBRAE. Artesanato Brasil. 2016. Disponível em [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/dfad41051c6d27627519027375a462c0/\\$File/6078.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/dfad41051c6d27627519027375a462c0/$File/6078.pdf). Acesso 11 janeiro 2019.

SEBRAE - **Serviço de Apoio à Micro e Pequenas Empresas. Programa SEBRAE de Artesanato**: Termo de Referência. Brasília: SEBRAE, 2004

SILVA, M. A. Confeccionando” reflexões sobre o trabalho feminino artesanal. Gênero, sexualidade, educação e conhecimento. Pelotas: **Editora da UFPel**, 2011.

SAFFIOTI, H. **Trabalho feminino e capitalismo**. In: Perspectivas. São Paulo, vol. 1, 1976. p. 119-163

SENNETT, R. **O artífice**. São Paulo: Record, 2008.

Souza, Helcimara. Teoria Geral da Administração. Rio de Janeiro: **SESES**, 2015.

VELLOSO, R. T.; VALADARES, H. J.; SOUZA, R. J. **Mulheres de Fibra: A experiência do Artesanato tradicional no território do Sisal da Bahia**. Núcleo de Economia Solidária: USP, 2006

SILVA DE OLIVEIRA VIEIRA, GERUZA. Artesanato: Identidade e Trabalho. 180p, - Universidade Federal Do Goiás

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPILO, Carlos Renato. **Metodologia de investigação científica para ciências sociais aplicadas**. – 2.Ed. – São Paulo: Altas, 2009.

APÊNDICE

Apêndice A. Questionário- Mulher e Artesanato

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação que existe entre o artesanato e as mulheres do Distrito Federal. Buscando identificar qual a relação de transformação na vida dessas mulheres. Este questionário tem seu foco a artesã que seja moradora do Distrito Federal e seja a principal responsável pela produção artesanal. Este questionário tem a intenção de obter informações para o trabalho de conclusão de curso da aluna Tainara Holanda, em Gestão de Agronegócios pela Universidade de Brasília.

1. Qual é seu sexo?

R = () Feminino () Masculino

2. Qual é sua idade?

R= _____

3. Você reside no Distrito Federal?

R = () Sim () Não

4. Qual é seu estado civil?

R= () Solteiro (a)

() Casado (a) ou união estável

() Separa (o) ou divorciada (o)

() Viúva (o)

5. Você trabalha com artesanato?

R = () Sim () Não

6. Você possui a carteira de artesão?

R = () Sim () Não

7. Quando fala de artesanato, o que lhe vem na cabeça?

R =

8. Como o artesanato surgiu na sua vida?

R =

9. Qual o seu principal motivo para trabalhar com o artesanato?

R =

10. Você possui outra profissão ou ocupação além do trabalho com artesanato?

R = Sim Não

11. Participa de feiras de comercialização de artesanato?

R = Sim Não

12. Qual é a importância econômica do seu trabalho com o artesanato?

R = Praticamente 100% do meu rendimento

Até 75% do meu rendimento

Até 50% do meu rendimento

Até 25% do meu rendimento

Praticamente não influi no meu rendimento.

13. Você produz o seu artesanato com qual finalidade?

R =

14. Você acredita que houve alguma mudança em sua vida a partir do seu trabalho com o artesanato? Se sim, qual foi essa mudança?

R =

15. Você realiza as atividades domésticas de sua residência além das atividades laborais com o artesanato?

R = Sim Não

16. Você acredita que o seu trabalho com o artesanato contribui ou contribuirá para a sua inserção na vida social? Caso afirmativo, de que forma?

R =

17. Como mulher, qual é a sua visão sobre o artesanato? Ou seja, O que significa para você, enquanto mulher, trabalhar com o artesanato? Qual a importância na sua visão dessa

atividade realizada? Por ser mulher você acha que interfere de alguma forma no trabalho que você realiza? De que forma?

R =

18. Você reconhece a importância do seu trabalho com o artesanato como um empoderamento feminino?

R = () Sim () Não